MENOTTI DEL PICCHIA

LAIS

ROMANCE

II. EDIÇÃO

CASA MAYENÇA
EDITORA
S. PAULO
1921

LAIS

Menotti Del Picchia

LAIS

(Romance)

2.ª Edição

1921

DO AUTOR:

Poemas do Vicio e da Virtude — (Versos) — Com um prefacio de Souza Bandeira, da Academia Brasileira — exgotados.

Moysés — (Poema biblico) 1.ª edição — Rio de Janeiro — exgotado.

Juca Mulato — (Poema) 3.ª edição - 5.º milheiro — Com uma apreciação de Julio Dantas, da Academia de Sciencias de Lisbôa.

Flamma e Argila — (Romance) exgotado. S. Paulo — 1920.

Mascaras — (Poema) 2.ª edição — São Paulo — 1920.

Lais — (Romance) S. Paulo — 1921.

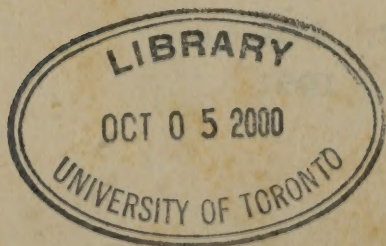
Nos dentes de Moloch (Chronicas de Helios) — S. Paulo.

A PUBLICAR:

A Angustia de D. João — (Poema).

Suprema Conquista — (Theatro) — Drama em 3 actos.

O Incubo — (Grand guignol) — 1 acto.

O Covarde — (Theatro) — 3 actos.

Buscando a arte na vida, não me afastei da vida. Sómente dependuradas nas cepas das vides e na esthetica dos eunuchos, existem folhas de parra.

O escandalo é uma invenção da malicia; este livro foi escripto com a verdade, sem o escandalo. Tem uma alta finalidade moral e saberão comprehendel-a os que não velam a verdade pelo pudor hypocrita de vel-a núa.

Aos phariseus do preconceito, aos ingenuos e aos sinceramente pudicos só peço uma coisa:

Não abram este livro.

M. D. P.

A Oswald d'Andrade, esta tragedia de gargalhadas e de lagrimas.

M. D. P.

NA carta, Plauto disséra: "Vem: aqui encontrarás um cajueiro, uma sombra e um banco. Lerás Theocrito, emquanto os bois mugirem nos pastos e nos curraes..." Viéra; encontrára as tres coisas: o banco, a sombra e o cajueiro.

Deixára tudo: seu "villino" na Avenida Paulista, sua fabrica de porcelanas, em franca prosperidade, nas mãos do gerente allemão. O medico lhe receitára: "Ares, de interior...". Respirava-os agora na *sua* fazenda. Plauto fôra perito em lh'a escolher.

Eram quatro horas; no curral proximo os bois mugiam. A' sombra do cajueiro, refestelado no banco, lembrou-se de Theocrito:

Erguei, ó cara Musa, um canto agreste.
Muitas vaccas, muitissimos vitellos
Mugem...

O tedio, porém, veio logo. O Helio irrequieto do Jockey e do Automovel Club não tinha a alma virgiliana... Só, com Nini, naquelle casarão solarengo, sem outros rumores alem da melopéa dos arrieiros lá na estrada e dos passos cautos das creadas nos amplos corredores sombrios, assaltou-o um incohercivel desejo de sociabilidade:

— Contingencia da especie... — Disséra a Nini — Os homens, como os bichos, só podem viver ás manadas...

E reflectiu:

— Tanto aqui como em Piquiri os ares são "de interior".

Desceu á cidade. Sete kilometros apenas. O troli rolava na estrada poenta. O caminho colubrejava numa estria sinuosa galgando lombas, varando mattas. Raro caboclo escoteiro passava:

— 'Stardes...

— Boa tarde.

A's vezes o caminho parecia um sulco rasgado na terra; os barrancos eram vermelhos e humidos, como beiços carnosos de feridas. Dos capões lateraes vinham ruidos polyphonos de mil seres invisiveis: chirreios, trillos, corruchios, serrar dolente de arapongas. Alguma cabra, escapulida aos fechos, barregava espiando entre as balsas.

O troli corria. Do alto do espigão, Helio viu o casario de Piquiri. A paizagem achanou-se numa varzea batida e a estrada, ruiva e recta, penetrava a cidade até o amago, como uma espada. E o mesmo tedio que o enervava na fazenda, sentia-o a contagiar o silencio desse fim de tarde, onde um sol inutil se apagava atraz de uns comoros calvos, numa quéda cançada de ave que assenta...

Helio, com Niní, estabeleceu-se em Piquiri. O clima foi-lhe um amigo; o tedio um algoz. Na calaçaria provinciana só a voz de Plauto lhe lembrava que, além dos arrabaldes da cidade, havia um mundo mais vasto e melhor...

— Vem d'ahi, homem! Vamos ouvir a "Lyra".

Helio ergueu-se da "chaise-longue" bocejando; despiu o pyjama de seda e poz o paletot para sahir. Niní, ao piano, ensaiava a "Cathedral" de Debussy.

— Coisa horrivel! — berrava o advogado, tapando com as palmas das mãos os pavilhões das orelhas — Depressa, Helio! Debussy torna-me antropophago! Se o conhecesse pessoalmente, engulia-o vivo...

Sahiram. As ruas côr de ocre, com casas chatas e coloniaes, pareciam uma necropole

ensolarada. Sob o fundo sujo das paredes, moviam-se manchas errantes de vadios.

Plauto commentava:

— Eu tenho um Debussy na alma, que tóca em noites claras de luar... Assim, com o sól quente, prefiro um batuque de papuás ou um concerto de gorillas !

Numa esquina, como uma canôa encalhada, um carrinho de sorvete em forma de navio corruscava ao sol, alteando no mastro uma flammula de lata. Em redor, garôtos lambiam a neve assucarada em cónes truncados de beijú. Um cambista assaltou-os:

— 2874, doutor! E' a sorte grande para hoje!

Plauto ameaçou-o com a bengala:

— E' com esta que costumo espantar a fortuna, ouviu ?

— Córre hoje, doutor, é o ultimo...

Seguiram. O sol ardia, alaranjado, sol de Agosto. Subiram ao parque, nessa hora deserto.

— Não aguento mais, Plauto — disse Helio esparramando-se num banco, — volto para S. Paulo ! Do contrario morro de tedio aqui...

O advogado, distrahido, tirava um cigarro á cigarreira. Accendeu-o e poz-se a fumar.

Ficaram mudos alguns instantes. Longe, na estrada que grimpava o môrro, além da barróca clivosa em que se despejava a ultima aléa do parque, chiava, moroso, um carro de boi. O chirreado, cheio de angustia, parecia o lamento de uma nenia arabe.

— Isto exaspéra os nervos, Plauto!

— Exaspéra...

A voz de Plauto pareceu um echo morto á dôr viva da revolta de Helio. De repente o advogado voltou-se, mordaz e sorridente:

— Ora, diabo! Uma novidade!

A curiosidade de Helio interrogava-o pelo olhar:

— Que é?

— Lais! Esqueci-me do recado de Lais... Esta cabeça!...

— Lais? Quem é Lais?

— A amiga do Dr. Alvim, esse medico que te apresentei, que veio de Heliopolis... Uma mulher esbelta, branca, com uns grandes olhos parados...

— Que tem ella?

— Encontrei-a, por acaso, no largo da Matriz. Disse-me que te conhece, isto é, que te

viu por ahi. Mas não é tudo: queixou-se de ti.

— De mim ?

— Affirmou-me que, em certa roda, fizeste pilherias causticas a seu respeito. Chamas-te-a de desgraciosa, serigaita... sei lá !

— Eu ?

Helio riu, com espanto. Lembrou-se vagamente de uma mulher esbelta, branca, com os grandes olhos parados... Uma vaga sombra de memoria, apenas, muito imprecisa, aliás...

— Pois o caso é serio ! Jurou que a detestas. Disse-me isso com a queixa dolorosa de toda a mulher ferida na sua belleza e vaidade. Cuidado !... Isso é um caso serio ! Sabes o que é a belleza para uma mulher daquellas ?

Helio não sabia, nem queria saber. Ouvia, distrahido, o estridor longinquo de um dobrado: era a "Lyra" que subia para a retreta.

— O caso de Lais é serio — tornou Plauto com sua eterna ironia — Serissimo ! Uma mulher dessas, abespinhada, é peor que um jornal de opposição.

— Nesse caso dar-lhe-ei uma explicação e está tudo acabado.

— Acho bom... Eu t'a apresentarei.

Nesse momento, estrupitando, a "Lyra" transpunha o portão do parque. Por elle golphava a multidão.

— Vamo-nos ? — disse Plauto, aterrado.

— Vamos.

Sahiram. Quando alcançaram o largo da Matriz, agora deserto, Plauto voltou-se para o amigo:

— Esta é boa ! Fomos ao parque ouvir a retreta e eis-nos de volta para tua casa onde me espera Debussy ! Qual, Helio, os fados vingam-se dos bimanos que detestam a musica franceza !... O Senhor escalou-me para martyr... Seja feita a vontade do Senhor !

Constringiu-se mais o cerco com que o tedio sitiava Helio. Tentou umas sortidas. Sahiu, para se distrahir, da casa onde se encafurnára modorrando. Niní inda tinha um consolo: adextrava-se em Debussy. A gente de Piquiri

recebeu-o affavel, quasi servil. Plauto preveniu-o:

— Cuidado... Essa gente tem uma lingua feroz...

— Elles me divertem, Plauto.

— Já sei, meu velho. Tens a impressão de visitar um jardim zoologico. Esta fauna tambem tem peçonha nos dentes... Leva sempre comtigo um chicote e um chuço...

Conheceu "seu" Zéca, o Dr. Pardo, o Dr. Aristarcho Barbarrôxa Guella, o conego Refrega. "Seu" Zéca era collector. Sua casa parecia um alçapão, chato, côr de poeira. Esburacavam-no duas portas que davam para a rua; na sala de frente uma balaustrada de madeira separava-a em duas partes. Uma taboleta annunciava: "São prohibidas de passar a grade pessoas alheias ao serviço". Isso e o "*lasciate ogni speranza*" do distico dantesco tinham o mesmo prestigio. As pessoas não "alheias ao serviço" eram o Zéca e um escrivão com cabeça de féto e pernas nanicas de gnomo. A's vezes o coronel Pedrinho, chefe, ousava quebrar a senha. O resto amontoava-se áquem da grade; esse resto decidia os destinos de Piquiri.

Nessa noite o acaso fizéra Helio ir queimar seu cigarro nessa porta. Esperava Plauto. Zéca exultava ! Um escandalo fresco esplodira em casa do João de Barros; elle narrava, sinuoso, que a mulher do Barros, descabelada, aos urros, pedia "separação de corpos ou divorcio !" e, para imitar-lhe a dicção grotesca do desespero, sibilava em falsete: "divorzzio !... o divorzzio !". O côro, empencado em roda, rompia no applauso da gargalhada: "Ah ! Ah ! Quá ! Quá ! Já se viu ! Divorzzio !"

— O Barros tão retrahido, tão caseiro... — commentava a hypocrita piedade do Dr. Pardo.

O Dr. Pardo era cearense, cabeça triangular, espontada em barbicha de chibo. Fingia-se incredulo para alongar o martyrio das reputações; a sua tactica ardilosa de falsa defesa atiçava a perfidia; fazia assim palpitar em contorções agonicas de flagellado, o nome ferido de morte... "Qual! Exagero..." E a maledicencia, como uma matilha de paqueiros, foçava, acuava, gania, num rilhar de colmilhos, estraçoando o nome assim negaceado. E as risadas do côro pareciam punhados de sal atirados nos bordos de uma ferida...

— Sério o Barros? Eu já o vi rondar a casa da Patarrôxa...

Saraivou o granizo dos insultos. A alma do Barros não era mais uma machina regulada pelas molas dos habitos: era um antro, uma cafurna! Entre touceiras hispidas de uma flora de vicio, esverdinhada e tinhosa, cobrejavam lagartos cheios do visco da lascivia, fulvas pantheras de desejo... O pobre funccionario desnaturava-se num monturo de maus instinctos; davam ao seu olhar pascasio, de peixe, a expressão caprina das iris de um bóde; não lhe servia siquer de derimente o bandulho abandolinado e bambo; nada! Esse ventre era um alambique onde fermentavam mólhos eróticos, ardidos de malagueta!

Helio, sem querer, achava graça. Conhecia o Barros... Secretario da Camara, o horario entrára para a sua memoria como uma funcção do seu automatismo psychologico; parecia ter um mostrador no sub-consciente; não olhava mais para um relogio nem para o sol, na hora de ir ou sahir do serviço; "sentia" que era chegado o momento... Percorria sempre a mesma rua, as mesmas calçadas, saltando os mesmos buracos, para ir do seu "chalet" á

Camara. Parecia-lhe reconhecer suas pégadas no caminho; um desvio de uma curva nova desorganizava-lhe o dia, tanto o habito se enkistára no seu organismo. Era esse paradigma da disciplina burocratica que aquellas linguas transformavam num monstro !

A maledicencia, porém, anciava por uma nova presa. Cançára de corvejar sobre um ruido vago de escandalo de Lais, em Heliopolis, de onde, ás pressas, o Dr. Alvim se afastára. Atirára-se de unhas e dentes sobre aquella pobre alma apagada, levando a insidia a ponto de aleitar um ciume serodio em D. Emerenciana, que o engalfinhára aos bérros:

— "Seu" D. João Tenorio ! Velho atrevido ! Satyro !

Piquiri ria ! Piquiri desnalgava-se! "D. João Tenorio ! Quá ! Quá ! Quá !" Barros, colhido pela surpreza e pelo panico, ficára apavorado, livido, tartamudo... Não sabia como se defender. Era um homem perdido !

Plauto chegára.

— Boa noite.

— Boa noite, Dr. Plauto.

"Seu" Zéca começou a dar na calçada os passos preparatorios, com que preludiava a

narração da "ultima"... Costumava impertigar-se, pigarrear e atirar o aperitivo deste exordio: "Ha cada coisa neste mundo..." Depois parturejava o facto, calumnia ou verdade, secco mas vivo, tirando um effeito singular da sua apparente indifferença. "E' isso... Tal qual..." A roda, para louvar-lhe a argucia, indagava: "Como é que você soube d'isso, homem!" Elle, sibyllino: "Adivinha-se... Adivinha-se"... e deixava uma caligem de mysterio a prestigiar a infamia.

Plauto estava de mau humor:

— Vamo-nos, Helio ?

— Vamos.

Deixaram o nome do Barros nos dentes da roda, como uma espiga nas crenas de um despolpador. Seguiram, a passo lento, em direcção ao largo da Matriz. A novena acabára. Do portal da egreja sahiam grupos de mulheres. Plauto bateu no braço de Helio:

— E' Lais...

— Aquella ?

A moça sumira-se numa esquina. Helio contava ao amigo a ultima remessa de livros que recebera de S. Paulo. Um rancho de meninas

passou por elles. Cortava a noite o grito claro de um clarim do Tiro. Plauto perguntou:

— Falaste a Lais ?

— Não. Ficaste incumbido de apresentar-m'a...

— E' verdade.

Sentaram-se num banco. Nesse momento, um homem chato e gordo, com um brilho de allucinado no olhar de cão ferido, atirou-se a elles numa expansão egoistica de angustia e desabafo:

— Meus amigos ! Meus amigos !

Soluçava. A dòr vascolejava-lhe o papo em galeios convulsivos.

— E' demais ! E' demais !

Desabou no banco, cotovelos nas còxas, dedos em pente no cabello grisalho. Plauto confortava-o:

— Que é isso, Barros... Ora, o que é isso, homem !

Vinham roncos de soluços da caverna daquelle ventre, desfazendo-se em "ahs !" frouxos de gemidos. Pouco a pouco, serenou:

— Os canalhas ! Os linguarúdos !

Helio estrangulou uma risada. Sua piedade

não póde açamar o ridiculo daquella dôr. Procurou consolal-o:

— Ora, Barros... Você é superior a essas miserias...

Plauto, mordaz, beliscava-lhe a côxa. Quizeram rir. Contiveram-se. E o desgraçado carpia-se:

— A intriga, Dr. Plauto! A infamia, sr. Helio! Emerenciana tocou-me de casa como um gatuno... Pelo amor de Deus, meus amigos, levem-me até lá! Vamos ver se ella me acceita...

E Barros desandou a chorar.

O crescente recurvo parecia uma espada levantina numa panoplia de cobalto. Na rua deserta os passos de Helio acordavam a colera vigilante dos cães, solertes atraz dos muros. Elle tinha a alma amargada por um asco e uma piedade vagos. Esse asco, ás vezes pare-

cia-lhe odio; essa piedade tinha um gosto longinquo a sarcasmo.

A vida !... Tragica pilheria... Revia a casa do Barros, o quarto de que sahira a instantes onde, esparramada numa cadeira de balanço, de volta de uma syncope, uma forma obesa, gordurósa, sacudia-se nos boleios dos soluços: "Glut !..." E um suspiro. "Glut !..."

No chão creanças visguentas de lagrimas e ranho berravam, numa dôr apavorada e inconsciente. Num canto, entre os cacos de uma estatueta de Deodoro, de gesso, estilhaços de espelhos e roupas amarfanhadas, uma menina, de nadegas á mostra, engatinhava sobre uma póça de agua que um vaso rôto derramára, de mistura com umas orchideas.

Esse vaso e essas orchideas eram o orgulho do Barros. Elle e Plauto haviam-no conduzido aos penates como uma rez que vae ser carneada; o secretario, rua a fóra, ia tropego, offegante e arisco. A mulher recebera-o rugindo:

— Canalha ! D. João Tenorio !... Vá procurar a Patarrôxa, satyro !

Na luta rapida, a sua colera quebrára tudo. Em vão, afflicto, o pobre supplicára: "Eme-

renciana ! Emerenciana ! Olha as orchideas..."
Fôra tudo em vão. Plaft !

Helio pensava agora nessa miseria. A calma de quatorze annos de vida conjugal quebrava-se, repentinamente, como aquelle vaso.

A lua subira mais e era mais clara. Piquiri dormia. Uma sombra resvalou, cauta, pelos muros.

— Boa noite, senhor Helio...

Era o Zéca. Fariscava... A maresia do nojo angustiou a alma do moço fazendeiro. Passou um soldado fumando. Depois, espectral, embrulhada em trapos, de uma esquina onde se postára como uma cadella, uma bebeda mandou-lhe num olhar cheio de febre o insulto de um convite... E elle entrou em casa, humilhado e aborrecido, sem nenhuma vontade de dormir...

Lais olhou-o sorrindo. Elle ia distrahido. Plauto commentava um delirio de Bjoerson:

— Futurismo condoreiro... Estylização das psychastenias... Cubismo literario propendendo para....

Mas, tendo-se voltado e visto Lais, saudou-a:

— Boa tarde, D. Lais.

— Boa tarde.

A moça fixou os grandes olhos extaticos em Helio. Plauto lembrou-se que lh'a devia apresentar. Approximou-se de Lais:

— A senhora me permitte... O sr. Helio d'Almada...

— Um seu admirador e creado, minha senhora.

Ella parecia triste. Helio insinuou:

— Um seu admirador muito sincero, que péde uma audiencia á *vossa* bondade, para...

Lais olhou-o fixamente:

— Já sei. Ia falar-lhe nisso. O Dr. Plauto talvez lhe fizesse sentir a minha queixa...

— Fez, o que me deixou intranquillo. Onde poderei, com mais vagar, roubar um pouco da sua attenção ?

— Venha ao parque hoje, se puder. Costumo passear lá todas as tardes.

Plauto e Helio despediram-se. O advogado precisava ir ao cartorio. No caminho, commentou.

— Bjoerson é nebuloso como o "fjord". Gosta do preciosismo psychologico; aquillo, Helio, é uma serie de arabescos de nervos, um como gongorismo de aberrações... Sempre alguem acaba maluco; quando não são as personagens, é o leitor...

Helio sorriu. O outro continuou:

— Interessante Lais, não? Voguë compara a gente de Dostïewsky a gatos; eu comparo a de Bjoerson a bonecos amarrados com fios de nervos hystericos. Aquillo parece uma dança macabra num hospicio...

Junto da collectoria, o Dr. Pardo reteve-os:

— Então o sr. Helio fez hontem uma sortida?

— Hontem?

— Já se esqueceu?... Cuidado! Veja lá o Barros.

Uma onda de colera trouxe aos labios de Helio o chicote de um insulto. Plauto, porém, irrequieto, todo preoccupado nos seus paradoxos literarios, arrastava-o rua a fóra, promettendo mostrar-lhe um busto de Ibsen, de bron-

ze, esculpido por Brecheret. Tinha, de Carneiro, uma admiravel sanguinea de Eça. Comprára, em Paris, um baixo relevo de Daudet e, no Rio, dois pequenos bustos mediocres: um de Machado de Assis, outro de Raul Pompeia.

— E Bilac ?

— Nada de poetas. Detesto os poetas. Essa gente faz muito barulho...

Fingia odiar os poetas; parecia-lhe que esbanjavam a vida em transformar a prosa em musica. Simulava odiar a musica tambem e bandarilhava Wagner, que no fundo admirava deslumbrado, com farpas de paradoxos.

— Wagner é a trovoada e seus adoradores os indios. Não observaste que o selvagem é fetichista ? Adora o trovão porque não o explica... O "snob" applaude Wagner porque não o comprehende...

E destruia assim, mordaz e iconoclasta; fazia-o pelo prazer de quebrar, de triturar; e, com Debussy então, fingia-se impiedoso.

Helio conhecia-o bem: Plauto era o principe do paradoxo. Na tribuna do jury, transfigurava-se, estupendo: sua palavra era a projecção polyedrica do seu espirito. Tinha uma

eloquencia cegante, vibratil, viva; parecia armada de pontas, de estilhas, de crenas. O ardil do imprevisto atocaiava o sophisma paradoxalmente logico; as imagens lampejavam ouriçadas de pontas, arpadas, hervadas, agudas. Não havia tocal-as: constringiam o adversario num circulo dentado, hispido, agaturrante, onde este se debatia até emudecer-se, vencido.

— Até logo. Tenho uns autos demoniacos, aqui... Parecem arrazoados por Mephisto: uma surra com lategos de fogo contra a rabulice do Guellas... Ah! meu amigo; péde a Deus que rompa a architrave do teu tecto, mas que jamais te persiga com a Justiça de Piquiri. Ella é como as furias eschilianas... Cada cliente, um Orestes...

Entrou no cartorio. Helio seguiu só. Em casa encontrou uma carta de Brenno, que abria lavouras no Paraná. Depois, dormiu. A' tarde esqueceu-se de ir ao jardim, onde o esperava Lais.

Passeando pelo parque, viu Lais debaixo de uma tilias enormes. Lembrou-se da sua promessa e chamou-a:

— D. Lais.

Ella pareceu surprehendida. Tinha os olhos tristes e os gestos lentos. Conversaram. Não teve uma phrase de recriminação.

— Soube pelo Dr. Plauto que tentaram agastal-a commigo...

— E' verdade. Contaram-me que o senhor me detesta.

Disse isso com humildade; suas pupillas longinquas e errantes, eram boas. Helio examinou-lhe o rosto: achou-o singular, quasi bizarro. Um buço negro, porém, bistrava-lhe o labio. Elle sentiu uma vaga repulsa.

— Mentiram, D. Lais. Eu não disse nada da senhora. Só tenho a lamentar o desprazer de não tel-a conhecido antes...

Notou-lhe melhor o buço; parecia-lhe mais hispido. Pensava comsigo, rindo para dentro e vexado: "A que Piquiri me obriga! Estou a

tecer madrigaes a um granadeiro..." E teve ancias de rir alto, ao imaginar que se os cerebros fossem de vidro e os pensamentos tivessem forma, Lais perceberia a perfidia do seu madrigal. Depois teve pena della; sentiu-se cruel. E foi com sincero carinho que disse:

— Se tivesse que dizer alguma coisa a seu respeito, D. Lais, seriam sómente coisas que agradariam á sua vaidade. Não o faço, porque temo agora que me não acredite...

— Não o faça. Creio que o não acreditaria.

Elle gostou da sinceridade. Examinou-a melhor. O instincto de repulsa, porém, foi mais forte. Tinha pena; pareceu-lhe que os seios della eram bambos. Quiz, por tudo isso, ser bom:

— Não me quer fazer justiça. Tem razão. Não me conhece ainda. Ha de ver que não sou tão mau como lhe contaram e que acabaremos optimos amigos...

— Espero que sim.

Laís parecia mais triste. Baixou timidamente os cilios; murmurou:

— Estou certa de que mentiram... Demais, se fosse verdade, o senhor constatava um facto e nada mais...

Helio estava francamente penalizado:

— Ora, D. Lais !

Ella, porém, num gesto brejeiro, subitamente sorridente, batendo com uma dhalia que tinha nas mãos nos labios escarlates, explodiu numa gargalhada:

— O senhor ! O senhor !

Sua voz, quasi estridula, tinha um timbre anasalado. Notando isso, a aversão physica de Helio foi maior. "Ainda esta, — pensou". E achou bizarra aquella mudança de uma tristeza quasi romantica para uma alegria quasi canalha. Lais não tinha mais interesse algum. Helio resolveu descer.

A tarde amorenára. As arvores, no crepusculo, perdiam a nitidez dos contornos. As lampadas faziam continuar pelo chão, nas sombras angulosas, os troncos, em projecções phantasmaes.

— Pazes feitas, D. Lais ?

— Pazes feitas, sr. Helio... Pazes de amigos, de bons amigos. Conhece o Laranjal ? E' um logar muito bonito. Vou, ás vezes, passear lá. Se apparecer, conversaremos.

— Será para mim um prazer...

Despediu-se. Desceu, rumo do largo da Matriz, com um vago desapontamento na alma. No ouvido, perfido e grotesco, levava o ruido daquella voz anasalada, que a ironia das memorias tornava ridicula; tinha uma indistincta impressão de uns grandes olhos rasgados, ardentes, mas o buço que lhe virilizava o labio pareceu-lhe ridiculo e a lembrança desse encontro quasi fel-o rir. Encontrou-se com Plauto, que esbravejava contra um despacho do juiz Burgos. E esqueceu-se completamente dessa mulher.

No club pontificava o Dr. Aristarcho Barbarrôxa Guella. Era um pardavasco enxuto e acanellado, conversador amavel e venenoso.

Era redactor, director, revisor e, ás vezes, typographo da *Trombeta de Piquiri,* periodico onde o vigario despejava algumas domi-

nicaes sandices, cheias de exclamações barôcas: "Oh!" "Ah!" "Oxalá!". Guella pertencia ao Directorio. Zurzia, a rebenque de periodos curtos, uma opposição amorpha, acocorada atraz das ruinas de um partido desmoronado com a quéda de um coronel Tancredo, homem sanguineo e energico, que fugira ao estrepido de uma váia — com latas de kerozene e rojões de assobio — certo dia em que nas urnas fôra trahido pelos eleitores mercenarios.

Essa opposição espevitava-se, ás vezes, em clarões frouxos de rebeldia; atiçava-a um rabula endiabrado, que crivava de satyras e epigrammas o conego Refrega, o qual, manhoso, tomava attitudes de martyr, pleiteando junto do bispo da diocese, as insignias do monsenhorado.

Barbarrôxa, por habeis derivações heraldicas, enxertava um galho da sua estyrpe no tronco real dos Barbarrôxas de corôa; sereleapeava, mexia, linguajava, tecendo uma arabescada trama de intrigas em cujas malhas enroscava-se toda Piquiri. Tinha asseclas; fascinava-os. Pertencia á irmandade do Sacramento e, certas noites, embuçado num cavour ruço,

tinha sacrilego commercio com o bóde negro da Maçonaria.

Os outros, os da opposição, arredavam-se amarellos, solitarios e esgueirantes, com um sorrizinho de escarneo nos beiços franzidos. A luta era surda e invisivel; nella vasculhava-se toda a ciscalhagem moral de Piquiri.

Os dias corriam assim, aparentemente calmos; mas, dos conciliabulos politicos sahiam ordens neronianas, que feriam os adversarios com as perseguições iniquas dos fiscaes. Pobres diabos, com pencas de filhos, berravam, sem pão e sem trabalho, com o lar varejado pelas buscas e penhoras, appellando em vão para uma justiça de ouvidos moucos, olhar bendado e espada ferrugenta e cheia de crenas e teias de aranha. Era isso a "politica"!

E a "politica" — na concepção desses desgraçados — era uma entidade cega e desnaturada, a depredar ao braço operario o trabalho e ao lar o socego e a fartura. Os infelizes, vilipendiados e surpresos, antropoformizavam-na na figura oleosa do vigario ou no vulto escanifrado do Guella...

Helio assistia a essa tragedia, alheio e entediado, sem saber se devia rir ou chorar...

Viu, por acaso, Lais, no domingo, quando ella sahia da missa. Quiz evital-a. Lais, porém, o viu:

— Bom dia. O senhor fugiu?

— Não, D. Lais... Ando tão occupado...

Lais passára, no roldão das mulheres, deixando-lhe um sorriso. Esse encontro pôl-o de mau humor: "Arre! Afinal que tem que ver commigo essa mulher?" Lembrou-se de que promettera ir ao Laranjal; arrependeu-se dessa tolice; mentalmente decidiu que lá não poria mais os pés.

Era domingo. Plauto embarcára para o Rio. Os piquirenses passavam em bandos alegres. A "Lyra" subia para o jardim com um claro ruido de metaes. Só, triste, inquieto, a alegria dos outros parecia-lhe um insulto. Resolveu passear pelos arredores da cidade. A passos lentos tomou o rumo da estação; caminhou

pelo leito da via-ferrea. A tarde dolente serenava-lhe os nervos; sentia-se agora bem, quasi satisfeito. Pouco depois encontrou-se no Laranjal.

Pensou em Lais. Sentiu mesmo o desejo de encontral-a nesse socego de matta e campina. Procurou-a. Olhou attento. Um caboclo passou, escoteiro:

— 'Stardes, seu moço...

— Boa tarde.

Helio seguiu. Um grande silencio derramava uma paz suave como um oleo na sua alma. No ar, em refegas truncadas, vinham pedaços longinquos da marcha, que a "Lyra" tocava no parque. Chirreavam insectos nas balsas rasteiras.

Sentou-se num barranco e olhou em redor. Agora a companhia de Lais ser-lhe-ia desagradavel. O seu olhar extatico bebia voluptuosamente a paizagem esbatida em cinza. Do lado de Minas, o tumulto de uma cordilheira amotinava as lombas dos cerros, como gigantescas vertebras de uma espinha dorsal quebrada. A terra lembrava a carcassa de um monstro apocalyptico; o crepusculo levava

em triumpho um disco opaco de lua, acolytado pelas primeiras estrellas.

Depois, lenta, veio a noite. A treva era o silencio da luz e no silencio da luz ergue-se a voz ignota das coisas. Sóbe, então, na sombra, a angustia da terra, na queixa tumultuaria dos tremedaes e nos cricrilos que se erguem das moitas. Cada póça tem uma voz que se lamenta; cada folha uma garganta que grita. A magua polyforme se corporiza na sonoridade orchestral de mil brados, tibios e possantes, unidos num lamento unico, numa celeuma envolvente, que se levanta da alma confusa e collectiva da terra...

Parece que lhe dóe todo o corpo chagado: as feridas dos caboucos abertos com os dentes das picaretas; as ranhuras rasgadas na sua pelle dura pelas navalhas dos arados; as chagas purulentas dos pantanos; o verrumar avido das raizes, mil insultos da faina e da vida, mil golpes de desespero e de gloria! Tudo, á noite, parece arder-lhe na crosta nervosa, fermentar na sua periferia sensivel, como acirrado pela immobilidade nocturna, apenas refrigerado pela orvalhada fria... Na imaginação de Helio, o orbe tomava proporções de um

Titan vivo e passivo, a ulular e a gemer, sob a luz impiedosa das estrellas.

Levantou-se. Pensou em Lais: tinha gosto dessa mulher. Imaginou que ella devia ser romantica; lembrou-se do buço viril e teve um sorriso de escarneo. Desceu lentamente em direcção á cidade. Ao defrontar um chalet côr da terra, ouviu os ralhos de D. Emerenciana, acuando um vulto claro e gordo, que trotava na calçada:

Veja lá a que horas volta!... Veja se me continúa a rondar a casa da Patarrôxa!

A novidade correu fulminea, enchendo a cidade: *O Rebate*. A esphacelada opposição de Piquiri, arregimentada para a luta, fundára um jornal.

O vigario, allucinado, vociferava; correu á casa do juiz, dalli á do Guella; agitou-se, trefego, accendendo rodinhas de palestras, con-

tagiando o panico entre os do governo. Agrupavam-se basbaques nas esquinas; o proprio Guella, nervoso, cortando com passadas de féra enjaulada o seu escriptorio, monologava monocordicamente: "Canalhas"! "Canalhas"!

Aquillo não tinha proposito! Lá se ia o monopolio mental da cidade... Era o "crac" do seu "trust"; espostejavam um pedaço delle mesmo; mutilavam-no... Já não seria mais o unico padeiro espiritual da terra. Outro pão, o pão negro e azimo da revolta, iria tragar a curiosidade voracissima de Piquiri. Precisava tomar uma decisão. Vozes vagas, obscuras, corriam sobre a orientação desabusada da nova folha. Os asseclas de Guella, transidos, vaticinavam saraivadas de insultos:

— Pau de crear bicho!... — suspiravam.

O jornal, porém, não vinha. Uma alegria trefega rebentava nos arraiaes governistas; o rastilho da chalaça estralejava em risinhos frouxos: "Aquillo é fósquinha"... Outros reguingavam: "Aquillo é "bluff" da "canalha". A "canalha" era a malta indisciplinada dos dissidentes. E elles, serios e caricaturaes, espichavam o pescoço em interrogações perfidas:

— Quando sae?

— Que?

— *O Rebate*, homem!

— Estouravam gargalhadas. Guella procurava o sangue-frio e explicava á roda como achataria, em poucas pennadas na *Trombeta*, a ninhada opposicionista:

— Lógica. Só logica... para a frente!

E todos, em côro, convinham que Guella esfarelaria com duas bordoadas em bello estylo, a corja. O doutor entremostrára as phrases dos seus possiveis artigos: "Horda cainhante de despeitados, amontoada no valhacouto de uma folha salafraria"... ou: "Pugilo de dyscolos iconoclastas, inimigos da Lei e da Ordem"! Coisa de chorume!... E o bando, a unisono, tripudiava: "Lindo"! Um, mais exaltado, optou:

— E se os processassemos por injurias?

— Qual! O melhor é chamar a policia e acabar aquillo ás coronhadas! Pan! Pan!

O Dr. Guella, porém, era pela luta. Afinal Piquiri não era Canudos e era mister velar pela honra municipal. Um bom artigo, energico e decisivo, pol-os-ia no alinhamento... Nem era preciso tanto; a "canalha" não fundava jornal, não fazia nada... Boatos...

Onde estava, afinal, o trombeteado pasquim? Para isso era mister coragem e talento...

— E dinheiro... — concluiu.

Todos concordaram, olhando-o reverentemente. E elle terminou, com uma allusão que se lhe ajustava como uma carapuça:

— E' preciso coragem e talento! Sobretudo, dinheiro.

O panico serenou; de novo, colleante, repontou a ironia. O morno circulo apertou-se de novo, confiante, na porta do Club. O terror reprezado rompia os diques do primeiro susto; a maledicencia contra a "canalha" requintou, ganhando em ferocidade o que perdera em tempo... Não havia mais nada a temer; fôra tudo boato; "cachorro que ladra não morde". Os governistas venciam ainda uma vez.

Uma bella manhã *O Rebate* sahiu.

Foi um reboliço, uma debandada! O Guella, fôsco, monologava: "Canalhas! Canalhas"! O vigario, humilde, escorregava apagado e quieto da sachristia á casa parochial. A's escondidas sorria com meiguice aos opposicionistas.

No arraial opposto havia tripudios:

— Você leu?

— Se li!

— Que tal, hein?

— Papafina! Aquillo é que é jornal! Aquillo é que é descompostura!

O povo delirava; sentia-se bem; toda a lama moral de Piquiri jorrava em golphadas espadanando. Grupos coagulavam-se nas ruas, chuchurreando os "sueltos", sugando o sumo truculento dos artigalhões de fundo. O Totó Canastra, chefe da opposição, director d'*O Rebate*, crescia em prestigio.

— Aquillo é que é homem!

Piquiri tinha febre... Turgidas de populacho, suas arterias ameaçavam a apoplexia das sedições. E Guella, mais tôrvo, mais citrino, via na sua propria platéa uns olhares ambiguos. Lembrou-se, estoico, de Brutus, de Cesar, da punhalada... Foi-lhe ouvida esta coisa sibyllina:

— Ha sempre no mundo estatuas de Pompeu...

No meio de tudo isso, Helio sentia a sua angustia cada vez mais entediada e premente...

Lá vinha, na secção livre d'*O Rebate*:

> *Porque será que o Barros viu sua casa em reboliço? Até onde irá a pureza dos nossos costumes? Que diremos da moral de uma Camara que tem um secretario assim?*

O Directorio reuniu-se com urgencia. Houve hesitações, discussões acaloradas, por fim parturejou, secca e draconiana, uma degradante demissão do secretario.

Quando Barros leu o officio que gratificava quatorze annos de trabalho, com uma demissão indecorosa, quiz gritar, apavorado, como se lhe enterrassem uma faca no ventre. Seus labios, porém, mexeram-se desgovernados, como a bocca de um peixe fóra d'agua. Ergueu os braços convulsos e desabou, fulminado, com o tragico officio numa das mãos.

O enterro do Barros, feito ás espensas da Camara, foi celebrado com a pompa dos lutos nacionaes. Os chefes, para abafar o escandalo, conseguiram rehaver o officio; attribuiram ao artigo d'*O Rebate* a morte do secretario. *A Trombeta* disse:

> "*Cumpre-se a obra funesta. Rola a primeira victima na estacada... Barros era um funccionario exemplar, modelo de virtudes civicas e christãs. Caracter impolluto, alma sem jaça, bem mereceu de Piquiri. Em recompensa aos seus inestimaveis serviços, o Directorio local, em sua ultima reunião, resolvera officiar ao governo para galardoal-o com o titulo de capitão da guarda nacional.*"

O Rebate, num editorial dolente, pesado

de tarjas negras, num mal disfarçado remorso, tecia-lhe assim o necrologio:

> *"Barros era um dos poucos varões piquirenses de moral estoica, um dos poucos homens de costumes puros que, neste tempo de devassidão, conseguiram manter rigidas as malbaratadas tradições da nossa antiga moral"*...

Ia por ahi, delambido e acanhado; terminava accusando os governistas, attribuindo-lhes a paternidade das calumnias de que fôra "inconsciente vehiculo"... No commentario, quer na porta do Club, quer na Collectoria, a memoria do morto subia, serena e archangelica, a uma região de suave serenidade. O finado tinha a prestigial-o o mysterio do nada; pela extranha chimica do terror do incognoscivel — um terror pusillanime — suas acções se beatificavam nas boccas dos seus ex-detractores. Os humbraes nevoentos da morte só davam passagem ás almas crystallinas; morrer é purificar-se... Queriam, numa celeuma commum, agora que o haviam assassinado,

Era o coronel Pedrinho, miudo, cacarejando uma vozinha gasta no varejo das articulações truncadas.

— Entre, major!

Era o major Juca da Matta, espigado, enxuto, com uns gestos peados, timidos, de alguem que occupa indevidamente um logar no espaço.

Sentaram-se. Na rêde, Guella balouçava-se nervoso. Juca da Matta, todo angulos e apophyses, tirou lentamente do bolso o canivete, o fumo e a palha. Enrolou um cigarro comprido como um dedo. Guella gostava do "goyano" e pediu-lh'o despachadamente:

— Dá cá um cigarro, Matta...

Este, honrado, deu-lh'o desagabando a dadiva:

— Pena é a palha... E' de milho catêto, doutor, mas está grossa... O fumo é o que ha de bom. Poço Fundo...

Preparou, pachorrento, outro cigarro. Uma tristeza plumbea pesava sobre os tres. O coronel Pedrinho, que viajára, tomou um ar bem composto, uma dessas attitudes historicas que os esculptores dão aos bronzes das praças. Sentia que algo de definitivo para Piquiri sa-

hiria daquelle conchavo; procurava, nos escaninhos do cerebro, alguma grande phrase synthetica, theatral, dessas que depois as gerações repetem e que se gravam nas hermas e nos epitaphios... Nada. Sussurrava, nervoso: "Ora, veja a "canalha"... "Para que havia de dar o Canastra"...

— Eu quero de vocês o seguinte: — disse o Guella sem preambulos — que me ajudem a esmigalhar *O Rebate*. Elles já começaram por assassinar o Barros...

O Barros! Pedrinho subsultou! Matta estendeu até o coronel um olhar apavorado de cumplice. Na alma ingenua de Pedrinho a morte do Barros rondava como um phantasma. Matta quiz falar; Guella, porém, que adivinhára aquelle terror, buscou attenual-o:

— Comprehendo... Ha susceptibilidades... Mas se *O Rebate* não publicasse aquelle artigo, não teriamos mandado a demissão.

— Barros era innocente... — gemicou Pedrinho.

— Innocente? E que temos nós com isso? Que nos importa a innocencia de Barros se, acima de tudo, deve pairar a honra municipal? A honra municipal é tudo! Perca-se tudo,

menos a honra. "Tout est perdu moins l'honneur!" Se me obrigassem, como Abrahão, a sacrificar um filho pela honra municipal, fal-o-ia com estoicismo, com a alma de Catão! Seria romano... E romano classico!

Pedrinho e Matta entreolharam-se: "Romano classico!" Pensaram: "Que talento se perde anonymamente em Piquiri... Um talento romano classico!" Crearam animo. Guella já conhecia o prestigio das suas grandes phrases. Apropinquaram-se para ouvil-o:

— Precisamos esmagar *O Rebate.*

— Póde esmagar, "seu" doutor!

O Matta, ingenuo, disse isso com a convicção de quem dava um parecer definitivo. Cruzou as pernas; ouviu-se um desnocar de ossos tatalantes e um amarfanhar de pannos.

— Esmague, Dr. Guella... Duas pennadas e zas!

Guella deu um salto e erecto, olympico:

— Eu?!

O desdem azinhavou-lhe o rosto. Arrepanhou os labios num refrangir de nojo. Pedrinho e Matta gelaram.

— Eu não me degrado até descer á canalha! Precisam mais de porretadas do que de

pennadas, esses marotos. *A Trombeta* jamais conspurcará suas tradições...

O panico passára. Desabafaram os chefes. O Matta arriscou um projecto:

— E se mandassemos o sub-delegado empastellar a redacção...

— Está louco! — ululou o Guella. — Isso amanhã é a revolução, homem!... E sabe você o que é a revolução? Esteve no Rio no tempo do Custodio?

Pedrinho estivera no Rio, muitas vezes até, mas não conhecera o Custodio. Quiz dizer isso, porém calou-se. Matta, mais magro, mais arrasado, rolava as pupillas côr de charuto nas orbitas inchadas, de arthritico:

— Que fazer?

O advogado saltou da rêde. Era hora do "plano". O "plano" costumava vir assim, depois de uma volta agitada pelo escriptorio, testa no ar, dedos enclavinhados nas costas. Era uma caçada á solução arisca. Mal a apprehendia, soltava-a de jacto do cerebro febril, como um pincho de agua da Horeb mosaica.

Pedrinho e Matta, espectantes, fitavam-no.

Guella reflectiu... Desgrudou a calça que, nos fundilhos se lhe collára ás nadegas pela

compressão da rêde, rodou da porta á estante do fundo, girou rapido e cresceu para o Matta, mão em riste, olhar extatico... Era a hora!' E foi com gula insopitada, que Matta e Pedrinho beberam a phrase que lhe pingou da bocca:

Dá cá mais um cigarro, Matta...

— Lais é extranha. Tem qualquer coisa de hermaphrodita... Ora parece-me mascula, energica, ora fragil e feminina. E' mulher ou homem, Plauto?

— Mulher, muito mulher, demasiado mulher, com requintes de Calypso e artimanhas de Circe, a feiticeira...

— Porque se appellidou Lais? Não achas o nome pretencioso?

— Tudo é relativo, meu caro. Uma Lais de provincia não precisa ter a majestade da siciliana da Hyccara. Piquiri não é Corintho... Conseguiste o teu perdão?

— Completo... Mais que isso, talvez. Um irritante interesse que me raspa os nervos.

— Cuidado...

Helio riu. Plauto espiava-o por cima das lentes, escarninho. O outro percebeu-lhe a intenção e pensou que Lais não passaria nunca de uma mulher antipathica, que evitaria para poupar-se o tedio de uma presença indesejada. E refranzeou com o buço da amante de Alvim:

— Parece um granadeiro da velha guarda!

— Cuidado! Os granadeiros são bons soldados...

Elle, então, pintou-a horrivel, carregando as côres. Foi cruel e covarde. E concluiu:

— E' aberrante, quasi monstruosa. Creio até que seja insexuada.

— Ahi está o seu maior "cachet"... Sáe do estalão prosaico. Que são, afinal, as outras mulheres?

E despejou borbotões de paradoxos contra o amor, defendendo o celibato. Helio, porém, conhecia de sobra o amigo; sabia que não se casára ainda por amar indistinctamente todas as mulheres do planeta. Por um egoismo erotico, não se fixára em nenhuma.

Tomaram café. Falaram de coisas insigni-

ficantes. Por fim, Plauto, esquecido da sua eloquencia, perguntou:

— Conheces Rachel? A filha do ministro Seixas... Aquella que deu uns tiros no marido no hotel Excelsior... A Rachel do "Palace"...

— Rachel Torres?

— Isso! Tivemos, desta feita, no Rio, um principio de romance. E' uma mulher á Shakespeare... Não imaginas como é doidinha pela tragedia! Convidou-me, após um passeio ao Leblond, a um suicidio a "deux". Coisa gaiata: puncção de cocaina, asphyxia com ether... Sei lá!

Riu uma gargalhada estridente.

— E tu?

— Dei-lhe quinhentos mil réis e fui cear com a Rosita, uma cigana hungara, que tem ursos sabios e dança ao "jazz-band"...

A segunda reunião do Directorio, para deliberar sobre a guerra declarada pelo *Rebate*, fez-se em casa do coronel Pedrinho.

Guella passára uma noite dantesca! Em vão, insomne, mão no queixo, cerveja ao lado, escarafunchou o cerebro em busca de um "plano" para esmigalhar "a canalha". Com a desculpa de "não querer rebaixar-se", adiára a reacção, com desprestigio seu, pois seus familiares não podiam crer nas suas cócegas fidalgas, uma vez que, pela *Trombeta,* atacára até o contractador da remoção de lixo, numa celebre campanha de doze artigos famosos. Guella sentia que elle era o homem do momento. O Januario, fiscal do mercado, cabo eleitoral de truz e mexeriqueiro impenitente, já annunciára:

— Agóra é que vae haver peleja! O Dr. Guella, acicatado, não é biscoito...

E citára uma phrase com emphase:

— *The right man in the right place...*

Guella, porém, não se desenconchava da carapaça do silencio, retractil como um coleoptero. Certa vez, chuçado pelas perguntas vorazes dos asseclas, respondera:

— *A Trombeta* não conspurca as suas

resgatar o crime por uma penitencia posthuma, temendo, talvez, que a sombra mansa do morto pairasse, vingativa e implacavel, sobre a cidade e as gentes...

— Bom homem... — carpiam.

— Bom pae de familia. Exemplo de raras virtudes — gemia o Guella, olhar baixo como uma bandeira em funeral. — A "canalha" teve a sua vingança covarde! Barros é a primeira victima. Ai de nós, se não formos vigilantes!

A roda acquiescia:

— Ai de nós...

E ella não sabia que o malfadado officio tinha, por extenso e em primeiro logar, o nome do Dr. Aristarcho Barbarrôxa Guella.

No Laranjal Helio não viu Lais. Sentiu uma grande alegria por estar só. Mas um vulto atocaiado numa moita de madresilvas destacou-se; com uma gargalhada crystallina Lais bradou:

— Causei-lhe um susto? E' uma emboscada! Só assim o poderia apanhar!

Avizinhou-se delle.

— Não, D. Lais. Vim por sua causa...

Mentia. Mentia e sentia um intimo rancor por ser perturbado por aquella presença.

— Estava colhendo estas madresilvas. Lindas, não? Cheire. Veja que perfume têm.

Helio detestava o cheiro das madresilvas. Dava-lhe vertigens.

— Delicioso... — rosnou.

Lais tinha as curvas modeladas pela seda do vestido malva. Seu corpo era esplendido. A impressão que elle teve da moça não foi má.

— Adoro as madresilvas — disse Lais.

Helio olhou-lhe os labios. Aquelle buço ainda lhe irritava os nervos. "E' singular, — pensou — esta mulher parece feita de dois seres diversos... Tem, contemporaneamente, duas personalidades". E, sem querer, poz-se a recitar mentalmente as quadras do "Hermaphrodita", de Eugenio de Castro.

— E' maravilhoso o Laranjal! Não acha?

O moço achou ridicula essa expansão. Não sabia explicar essa mistura de aversão e sympathia que aquella mulher lhe causava; che-

gou a ter raiva de si mesmo. Ella, jovial e irrequieta, feminina e felina, convidou-o:

— Vamos passear?

Seguiu ao seu lado sob as ramarias verdes.

— Hontem, neste mesmo logar, pensei no senhor.

— Em mim?

— Vinha pensando que o senhor me detesta. Não se defenda! Nós, mulheres, temos um sexto sentido... Confesse: não gosta de mim.

— Quem lhe disse isso, D. Lais?

Olhou-a. Ella parecia triste. Helio achou-a "mulher".

— Eu, porém, perdôo-o. Faço questão que venha a gostar de mim.

Elle achou um timbre extranho nessa phrase. Sorriu para comsigo: "Petulante!" Mas a voz della era triste. Lais era positivamente uma mulher singular. Tinha attitudes physicas imprevistas, bifrontes. Parecia que nella duas entidades bizarras vivessem simultaneamente duas vidas desiguaes; agora Helio tinha ao seu lado um ser fragil, lyrico, um pouco triste, um pouco inquieto, afinal infinitamente mulher. Imaginou numa exquisita actuação

hereditaria de dois entes espectraes; não póde explicar o que sentia.

Crepusculejava. Chovia cinza na luz opaca e violacea que romantizava a paizagem.

— Devo crer no que me disseram?

— Que a senhora é encantadora?

Helio, depois que disse a phrase, sentiu-se vexado. Tinha quasi vontade de rir. "Como se mente... — pensava. — Mente-se por covardia, por gentileza, com razão ou sem razão." Achava um prazer intimo em ser mentiroso. Mas os olhos de Lais, lindos e scismarentos, derramavam na sua alma uma doçura vaga e uma pena indecifravel. Quiz ser bom, piedoso. E foi com uma curiosidade toda psychologica que examinou aquella mulher. Era feia? Era bonita? Tudo nella era enygmatico, contradictorio, irregular. Procurou fazel-a falar para estudal-a melhor. Ella, porém, emudecera, contemplativa. Depois disse:

— A tarde deixa-me triste. Creio que todas as mulheres como eu devem ficar tristes á tarde...

Helio achou isso muito literario. Mas Lais explodiu numa gargalhada sonora. Um caboclo passava, grotesco e barbaçudo, carregando,

ás cavallinhas, nas costas, um menino magro como um junco. Ella continuou, com outro timbre de voz:

— A tarde deve entristecer as mulheres como eu... O que os homens querem é a belleza, o corpo, não é a alma. A belleza é o dia claro, o esplendor... A tarde é o principio da velhice. Dentro da noite as coisas continuam a existir. Quando escurece, aquella montanha, este caminho, aquella cerca não mudam; continuam inteiros dentro da noite... Mas não se vêm. A alma continúa igual, dentro da velhice. Mas os homens, nas mulheres como eu, não querem saber da alma. Querem o dia! O sol claro! Não é assim?

Helio achou obscuro aquillo; percebeu o symbolo, mas imaginou-o estudado de antemão. Teve pena, porém, daquella mulher. Ella, numa voz agoniada, parou no caminho e murmurou:

— Eu soffro... Soffro muito. Não parece, mas soffro... Fico pensando... pensando... Afinal é uma tolice pensar!

E envolveu-o na caricia macia dos seus grandes olhos:

— Estou aborrecendo-o?

— Ora, pelo amor de Deus!

O crepusculo, mais opaco, apagava as coisas. Helio olhou o rosto da moça: a tez, espiritualizada pelo diluculo, tinha o clarão de um halo; os olhos relampejavam como joias. Sentia que no seu espirito se diluia a repulsa que tivera, essa vigilancia irritante da sua idiosyncrasia. Seduzido pela nevoa que parecia congraçar os mais duros contrastes, contagiava-se no vago bem estar que subia da terra adormecida.

— Como é suave a chegada da noite! Lembra a chuva de violetas do "Peccato di Maggio"!

O luar tardava. As estrellas amontoavam-se em constellações distinctas. Impregnava o ar um cheiro nupcial de flôres de laranja. No oriente porém, como um clarão de queimada, uma gazea phosphorescencia antecedia o disco lunar. Tudo resurgia na claridade; os objectos que se haviam immergido na treva, como num lago de betume, resurgiam, por uma chimica magica, como cobertos por uma camada de nikel.

— Bello! Parece um bom agouro! Sinto que minha alma vae resurgir tambem!

Lais disse isso muito alto. Sua voz nasal

quebrou o encanto da phantasmagoria. O instincto da repulsa, adormecido na alma do moço, acordou. E, sob esse luar de lenda, no Laranjal cheio de aromas, Helio teve uma piedade que enxovalhava Lais.

Em Piquiri as coisas azedavam. *A Trombeta* não se arriscára a sahir do seu cauto silencio, conservando-se fidalgamente alheia á existencia d'*O Rebate*. Guella coçava a barbicha, respondendo com phrases ambiguas aos asseclas que lhe queriam adivinhar os planos de guerra:

— O silencio!... O silencio é de ouro.

Premido pelo Matta, affirmou:

— Não! Decididamente, não! Não abaixo a penna cavalleiresca para cruzal-a com a da "canalha"...

Mas a "canalha" levantára a sua; a luta era fatal. *O Rebate* vinha macio: poder-se-ia

saber que faziam das verbas municipaes? Porque não se publicavam os balancetes? Os artigos eram galantes e venenosos, como uma saudação fidalga de florete empeçonhado.

Electrizavam a espinha do Guella arrepios que lhe iam até o coccyx. Previa que aquelle começo sinuoso e vulpino acabaria malcriado e berrado: a venda da empreza electrica... o escandalo da taxa do ultimo emprestimo municipal... a celebre commissão do Dr. Guella...

Um horror! A "canalha" estava, pois, disposta a arrancal-o do seu buddhico socego. Não! Precisava agir! Deslocaria o campo de batalha; o terreno dos balancetes e das operações financeiras da Camara era-lhe desfavoravel: havia alli muito rombo... Só o estrondejar da artilharia grossa do baldão que estoura, do insulto que deflagra, desnortearia a attenção de Piquiri. Por outro lado era mister cobrir a retirada dos chefes, entrincheirando-os atraz de panegyricos beatificadores.

Guella reuniu os chefes. No seu escriptorio, esparramado na rêde, viu-os entrar, um a um, encolhidos, com um terror idiota na pupilla apagada:

— Entre, coronel...

tradições, nem rompe com o seu passado. O dia, porém, que ella vibrar, fará ruir tudo, como as trombetas de Jericó!

A phrase, de sabor biblico, tonificou as energias dessangradas. Coisa singular: esse novo aspecto, reservado e mystico, redobrava-lhe agora o prestigio. A mais, Guella possuia o segredo olympico dos periodos redondos.

Mas *O Rebate*, cada vez mais desbocado, começava a acanhoar com granadas de maior calibre. As estilhas sangravam a reputação do Guella. Urgia defender-se.

Aquella reunião era lugubre como um presagio. Os tres chefes falavam em voz soturna, cabeça pendida, olhos vagos.

— Olha — disse o Matta, chupando o cigarro que chiava — o melhor é você, Dr. Guella, escrever um bonito artigo dizendo que o Totó Canastra é um gatuno. Quando deixou de ser escrevente da Collectoria, deu um desfalque de 97$500 e isso está provado. Todo o mundo sabe...

— E se elle falar nos impostos? — objectou o Pedrinho.

— Ora! Se elle falar que não pagamos os impostos á Camara, pediremos ao Pedroso o

recibo com data atrazada e esmagamos a calumnia.

Pedrinho approvou distrahido:

— E'. Esmagamos a calumnia...

Guella, porém, scismava. Houve um silencio longo. Depois, o advogado disse:

— Isso não serve. Amanhã o homem vem com outras... Não é só contra essa miseria de imposto, que elle vae gritar. Elle vae gritar contra a rêde de exgotos, contra a venda da empresa electrica... contra os fóros que não pagamos nunca... Elle sabe disso pelo João Serva, o que foi demittido da contadoria e que é cunhado delle... Depois elle vae gritar contra o emprestimo...

Um terror panico gelou os chefes. O emprestimo! Cahiram numa desolação de anniquilados. O coronel Pedrinho, num gesto lento, coçou a orelha, resmungando: "E' o diabo"! Matta suspirou. Atirou fóra a ponta do cigarro cuspinhando de esguicho.

Uma tristeza mais funda destacava no silencio o zumbido das moscas. Ouviu-se o riscar de um phosphoro, o chupar chiado de um novo cigarro do Matta. Da janella via-se a rua, onde um sol de ouro calcinava o pó ruivo.

Nem um transeunte. Um gallo clarinou longe, triste, claro. Em frente via-se a egreja, alta, colonial, silenciosa...

— Não sei que fazer — suspirou o Guella.

Na distancia, sobre a cal branca de um muro, resvalou uma sombra negra. Pedrinho fremiu:

— E se pedissemos um conselho a elle?

Indicou a sombra. Os tres olharam. Era o conego Refrega.

— Optima idéa!

O Guella despejou-se pela porta numa corrida desabalada. Pouco depois voltou com o vigario.

— Boa tarde, coronel... Boa tarde, Matta...

— Oh! senhor conego!

Explicaram-se. O conego ouvio attento, como se estivesse num confissionario. Por habito, dizia: "Sim..." "E'!" "Depois?" Exposto o caso, ergueu-se. Encostou-se meditabundo ao batente; os seus hombros de athleta enchiam o rectangulo cegante da janella. Resmungou:

— Deixem-me pensar...

Veio um silencio. Ouvia-se melhor o amiudar do gallo festivo: "ká-ká-rá-ká!" Na rua

um mascate passou tatalando a matráca. De repente, como illuminado, o conego bradou:

— E se chamassemos o Pavoroso?

Vararam-no interjecções anciadas de pupillas.

— Mandamos chamar o Pavoroso! E' um jornalista de pulso! Eu o conheço! Uma féra! A Camara paga-lhe alguma coisa... Pouca coisa. O homem não é caro... Toma a direcção d'*A Trombeta* e desanca a "canalha"!

Todos, ruidosamente, se levantaram. E Pedrinho, com lagrimas nos olhos, atirou-se ao padre, em abraços, cacarejante e trefego:

— Este conego Refrega! Este conego Refrega!

Matta sentia qualquer coisa de delicioso constringir-lhe a garganta. Tinha ancias de dançar, de gritar, mas estendeu-lhe a manopula, solemne, compenetrado:

— Tóque, reverendo! Mais uma vez salvou a honra municipal!

Nessa tarde, ao virar uma alea, no jardim, a Helio deparou-se Lais, que colhia uns cravos. Quiz retroceder... Era tarde: Lais vira-o e corria, contente, ao seu encontro:

— Fujão! Ninguem mais o vê... Bem vejo que definitivamente me detesta. Não importa! Eu sempre me lembro do senhor. Olhe este cravo. Um encanto, não? Reservei-o para o senhor.

E, sem cerimonia, com uma futilidade trefega de creança, poz-lhe o cravo na botoeira. Elle, secco:

— Obrigado.

Lais olhou em redor. Viu um banco.

— Vamos sentar-nos alli?

Sentaram-se. Ficaram mudos, ella absorvida, arranjando as flôres, cortando com os dentes os caules rijos, elle irritado, contrafeito, amaldiçoando mentalmente o malfadado encontro. Ella olhou-o de soslaio; esplodiu numa gargalhada estridula.

— Peguei-o em flagrante delicto de aborrecimento! E' inutil... O senhor não gosta nem um pouco de mim.

— Não diga isso!

Elle mentiu, covarde, com um desejo mau e interior de cobril-a de insultos. Lais irritava-o. Aquella risada irritava-o. A sua covardia irritava-o. Se ella insistisse, elle seria brutal.

— E' Alvim!

Levantou-se, ouvido attento. Vinham um arfar de motor e urros de busina no parque. Um auto passou por elles; o Dr. Alvim estava no volante; saudou-os com um sorriso e um sacudir de mão.

— Esse homem é um idiota — disse Lais.

— E' seu amante...

Ella olhou-o com uma cólera mal disfarçada no olhar:

— E' meu amante. Que tem isso? Não impede, por certo, de ser um idiota!

"Esta mulher não passa de uma doida"... matutou Helio. Lais, porém, infantilmente, tentava colher no ar as flôres de Agosto, que cahiam da cópa jalde como uma chuva de moedas de ouro.

— Olhe! Olhe! — gritou Lais de longe. Saltava, agil, como um cabrito; seu corpo rythmico, tinha ondulações de onda. — Quer ver? — Agarrou algumas flôres na quéda. Olhou-as:

— Chi! Que desillusão...

Avizinhou-se com as conchas das mãos cheias de corolas amarellas.

— Como são grosseiras... Como são horriveis! Eu, vendo-as na distancia, queria colhel-as para a jarra do meu toucador.

Franziu os beiços e mordeu os labios.

— Assim... Tudo assim... As flôres de Agosto... Alvim... A vida...

Depois, atirando-as ao chão e olhando Helio, com a mesma risada estridula e canalha:

— Tudo assim... Alvim... A vida... E o senhor, talvez!

Elle fremia de cólera. Teve ancias de a esbofetear.

Não se soube como, mas o certo foi que transpirou a resolução do conciliabulo dos chefes. Guella esbravejava. Pois não haviam os quatro jurado segredo "pela honra municipal"?

Como então "a canalha" sabia do "plano"? Trahição! Havia Calabares no partido!

Nos arraiaes dissidentes fervilhava uma actividade febrenta. Totó Canastra, um pouco apprehensivo, victoriava-se da primeira escaramuça:

— Os "graúdos" tiveram que assalariar gente! Que venha, porém, coisa que preste... Agóra sou eu quem não rebaixa a penna para esgrimir com um badaméco qualquer...

Totó usava, evidentemente, da mesma tactica do Guella. O temor de ser escorchado pela penna mercenaria aconselhava-o a cobrir estrategica e cavalleirescamente a retirada. Se nas primeiras batalhas o inimigo se mostrasse fraco, então... Do contrario adargar-se-ia na phrase:

— Não me sujo com valdevinos...

Piquiri exultava! Era um vermicular de povo linguajante e atrefegado a vaticinar, prophetico e guloso:

— Agóra sim que a coisa férve! Vem ahi o Pavoroso.

E formou-se a lenda. Uns affiançavam que Honesto Pavoroso era um pamphletario árdego, que floreteava o chuço da ironia com

garbo de esgrimista; era "polemista de raça, o bicho... Conhecia o vernaculo a fundo, o damnado"... Outros iam mais longe: "Publicou "plaquettes" e conferencias... Li algo da sua lavra, verso talvez, numa folha do Rio"... Numa folha do Rio? Então era um nome consagrado! Outros o que não póde a inveja! juravam que o foliculario era um cigano da penna, errante e inconstante, que engrasava verrinas em calão de alcouce. Vendia tudo: a penna, o caracter, objectos que confiavam á sua guarda...

No dia da sua chegada, Guella arrebanhára no mesmo auto o Pedrinho e o Matta. Na estação amontoavam-se representantes das duas facções politicas. O barbariso emprestava á multidão um zumzum de colmeia.

Um silvo estridente dilacerou o ar. Houve uma ondulação, uma ancia. O Matta escorregou até ao Guella:

Acha bom dar já um viva?

O Guella fulminou-o com um olhar tremendo. Matta, murcho, esgueirou-se na turba. Bufando, rilhando, ao retintin dos parachóques e correntes, o comboio estacou, num arfar can-

çado de cardiaco. O coronel Pedrinho, discreto, puxou o Guella pela manga:

— Soltam-se já os foguetes?

— Sêbo! — vociferou o chefe. E deixou-o, attonito, entre o Fivellas, alfaiate opposicionista e o Camacho, piston da "Lyra". Guella procurava Pavoroso pelas janellinhas. Viu um homem gordo, com o bocel do papo a atoucinhar-lhe o pescoço pingue. Devia ser "elle"! Guella abraçou-o effusivo:

— Bem vindo! Entre nós nada de cerimonias. Sou o Dr. Barbarroxa, um dos chefes...

O outro, abobado, grudava nelle os olhinhos de cerdo. Mas a figura nanica do Pedrinho, varejava, aos trancos, a mó cerrada. Cahiu, num remoinho de braços, sobre o recem-vindo:

— Salve, sr. Pavoroso! Sou o Pedrinho, o chefe, isto é, o presidente... O presidente do directorio, a seu dispôr...

O gordo, apalermado, balbuciava:

— Mas ha engano... Deve haver engano... Eu não sou o Pavoroso... Sou o Pereira... O Pereira das rendas e armarinhos...

Guella sumira-se. O olho redondo e opposicionista do Fivellas, olho de papagaio, implacavel, ironico, verrumava-lhe o craneo. Mas o

Matta, que estava ha uns passos, apisoado e premido, quiz alcançar o doutor. Nesse momento, um homem macabro, longo, que descera de um vagon de segunda classe, pisou-lhe em cheio no callo do pé direito. Matta deu um pulo:

— Não enxerga, estupido?

O homem cresceu, desenrolou-se em toda a sua altura de gigante escarnado. Fuzilou-o com um olhar de aço, que vinha da caverna de uma orbita escura como um fojo:

— Estupido? Estupido é o senhor! Hei de contar aos chefes a sua insolencia! Eu sou Pavoroso, o jornalista...

Matta quasi teve um desmaio...

"E' bom jornalista"... banzava o Matta, que voltava da estação com Pavoroso e os outros chefes no mesmo auto. "Hei de contar aos chefes"... Bom signal! E lembrou-se da sub-

serviencia canina do jornalista ao revelar-se: "Juca da Matta, membro"...

Guella, porém, desapontado, soffria. Quizera para redactor d'*A Trombeta* um latagão truculento, biceps de cabouqueiro, palavra tonante, mescla de cangaceiro e Quixote, capaz de vergar "a canalha" só com o prestigio do arcabouço. Mas aquelle feixe de apophyses e vincos, aquellas iris castanhas boiando nas escleroticas como duas nozes numa agua barrenta, eram meia batalha perdida... Só tinha de aggressivo o nariz: o nariz era um surto. Rompia, rebelde, o recuar das cóvas que lhe esburacavam o rosto, num pincaro abarretado, de recorte phrygio, cyranesco e insolente. O resto eram contracções, recúos, gêlhas.

O auto rodava. As ruas formigavam de gente. Ao passarem em frente á Collectoria, a roda levantou-se, saudando-os.

Guella ia triste. O olho vitreo, redondo, olho de papagaio com que o varára o Fivellas, queimava-lhe o craneo, candente de sarcasmo. Demais aquelle trambolho do Pavoroso até parecia um mau agouro... Só lhe restava uma ultima esperança: a penna.

— Bonita cidade, seu Matta.

Pelo timbre da voz, percebia-se que Pavoroso queria agradar o Matta. Matta, por sua vez, procurou, com amabilidade, desfazer no espirito do outro a memoria do insulto:

— Bonitinha... Bonitinha, senhor Pavoroso...

"Pavoroso!" Aquillo nem era nome de gente!... Talvez até elle se offendesse por ser chamado assim. Não se lembrava, porém, do seu primeiro nome. Matta tinha uma vaga idéa de que acabava em "ésto"... Fazia esforços mentaes: "Modesto... Ernesto... Honesto"... Ah! Honesto! Achára, afinal. E fez uma phrase atôa, só para dizel-o:

— Ah! senhor Honesto, este Piquiri é bonitinho, como o senhor vê, mas é infestado pela "canalha"... Ah! a opposição piquirense! Ella nem siquer respeita a honra municipal! Nada! E' infame! E' uma carcassa decomposta apodrecendo no coração da cidade... Até mau cheiro tem.

Guella mexeu-se. Lembrou-se de argamassar uma das suas celebres phrases para espantar o novo collega. Tomou a deixa e despejou:

— O major tem razão... Esta opposição é

bem o arcabouço de um monstro decomposto... Tem um cheiro nauseabundo...

Recolheu-se, olhar absorto, phrase suspensa:

— ...mephitico até!

Matta e Pedrinho exultaram: "mephitico"! E cahiram numa prostração dolorosa, dessas que constatam os sacrilegios supremos: "Que talento! Que talento se perde anonymamente em Piquiri!" Pavoroso, porém, colheu a luva. Quiz atirar tambem, uma coisa definitiva, que ficasse monolytica, infrangivel, como um blóco lascado ao seu engenho. Acarvou-se num silencio de extase e sentenciou, seguro, sereno:

— O mau cheiro da opposição de Piquiri é peor que o da cloaca romana... E' uma synthese da degradação social e moral dos renegados da cruz e do civismo!

Ninguem o entendeu, mas o Matta abraçou-o, enternecido e deslumbrado. Guella sentiu um dente de inveja morder-lhe a alma; teve um sorriso de quem concede, fino, equivoco, emquanto com um esforço cyclopico de memoria, engavetava no cerebro o termo "cloaca", de que gostára perdidamente...

Um grande vacuo de emoções esvasiava-lhe a alma. Com a volta da saude, porém, levedava no limbo do seu ser uma ancia braceante de movimento. Reprezára energias nessa inercia; a sua actividade irrequieta não poderia estagnar-se, immota, nessa modorra de agua captada; queria golfar em borbotões dynamicos de acção e vitalidade. E esses surtos quebravam-se deante da spleenetica acalmia provinciana.

Helio sentia-se suffocar. Não o interessava a politica. Não o attrahia a fazenda. Pensou e decidiu voltar para S. Paulo e pôr-se de novo á testa da fabrica, que aliás atravessava uma crise passageira, pelo retardamento da materia prima retida pelas nacionalissimas complicações aduaneiras na alfandega de Santos. Justamente nessa occasião, Nini cahira enferma. O seu unico refugio era Plauto. Este, porém, estava quasi sempre em São Paulo ou no Rio.

— Negocios... — dizia o advogado.

— Devassidão... — resmungava Helio.

Detestava os politiqueiros. De Guella não pudéra se approximar. O terrivel advogado affastava-o com uma antipathia que Helio, de prompto, não pudéra explicar. Soube, vagamente, que disséra ao Dr. Pardo: "Embirro-me com o sr. Helio. Preoccupa-se muito com o lustro das botinas... Isso é signal de pouco talento"...

Evitava Lais. Nessa tarde, porém, recebeu um bilhete da moça:

> "Preciso muito falar-lhe. Espero-lhe hoje no Laranjal. Tenho-lhe procurado inutilmente... Não deixe de vir..."

Pensou em não ir. "Que quererá Lais?" Reconstituiu mentalmente as feições da moça; riu, com sympathia. Via-lhe a pennugem do buço leve, a belleza serena do olhar. "Plauto tem razão... Lais é differente das outras." E foi ao Laranjal, contente por ter um destino qualquer, no tedio dessa tarde morna.

Lá não encontrou ninguem. Apenas um ca-

chorro cinzento que trotava silencioso. O cachorro, sem um ganido, farejou-o e seguiu. Helio olhou a estrada; ao longe sumiam-se as manchas errantes de uns caboclos que seguiam para o "Triumpho". Na grande paz selvagem ouvia o longinquo retinir de um malho numa bigorna; esse tinido retardatario do trabalho alegrou-o sem que soubesse porquê.

De repente uma pedra resvalou rente do seu pé, erguendo uma poeira ruiva. Voltou-se. Viu Lais que corria ao seu encontro, num drapejar de sedas farfalhantes.

— Resgatou alguns peccados! Fil-o esperar...

E estendeu-lhe a mão rindo.

— Esperou muito?

— E' tão bom esperar, D. Lais...

Ella olhava-o com ternura amiga. O moço achou-a agradavel; estava corada pela carreira, cabellos em desalinho.

Jovial como um canario, arrastou-o por um braço:

— Venha commigo. Vamos ver como morre o sol!

Depois, noutro tom, reservada:

— Recebeu meu bilhete?

— Recebi.

O crepusculo tinha vertigens macias. Descorava tudo: côres e emoções. "Ha tardes, ha horas, pensava Helio, que a alma tem vontade de amar qualquer coisa: uma mulher, uma chimera, uma planta... As coisas inertes tambem parecem sentir esse desejo. Volatilizam fluidos que nos tangem como caricias de mãos invisiveis e humanas"...

Uma grande alma complexa e cançada abrangia tudo, parada, obscura, egoista; nessa immobilidade havia o descanço ingenuo das seivas, das forças germinaes em potencia, dos gritos contidos. Uma volupia de serenidade paralysava as ramas; parecia immoto o humus circulante que é o sangue da terra... Palpava-se no ar quieto e na attitude majestatica das arvores, uma felicidade feita de silencio e de inercia. Só o malho retinia, isochrono e crystallino. E elles caminharam muito tempo sem falar.

Lais agora parecia triste. Elle não a interrogou. Um rolar de rodas sobresaltou-os. Passou um carrinho levando um casal de colonos para o "Triumpho". Iam abraçados, rindo. O homem estava sem paletót. Ella, uma italiana

ruiva, voltou-se para Helio e Lais sacudindo o lenço. O carrinho sumiu-se na tarde violeta. Ficou o pó revoluteando na estrada e, de quando em quando, ouviam-se estálos de chicóte e gritos: "Olé! Upa! Upa!" e gargalhadas.

Lais pareceu não vel-os. Helio sussurrou, alheado:

— Como são moços... Como são felizes...

Ella não respondeu. Caminhava agora excitada, nervosa. Mordia o beiço e um vinco riscava-lhe a fronte, entre as sobrancelhas. Seu braço fremia. "Brigou com Alvim — pensou Helio — Brigou com Alvim e chamou-me para confidente... Era só o que me faltava!" E assaltou-o o mau humor:

De repente ella voltou-se e perguntou:

— Que disse ha pouco, sr. Helio? Estava tão absorvida...

Helio embatucou. Achou ridiculo repetir a phrase.

— Uma tolice... Tenho dita tantas... — E accrescentou com intimo sarcasmo — E feito muitas...

Caminharam ainda. Helio pensava em Alvim. Certamente haviam brigado. Quiz sondar:

— Onde anda o nosso querido e invisivel Alvim?

A moça teve um sobresalto:

— Alvim? Esteve em casa inda ha pouco.

— Anda neurasthenico, não?

— Porque?

— Pareceu-me...

— Elle? Coitado...

Disse a phrase com uma expressão que humilhava. Essa referencia a Alvim pareceu fazel-a soffrer. Helio arrependeu-se. Quiz justificar-se:

— Desculpe, D. Lais, minha impertinencia em interrogal-a. Vejo-a tão triste que desejaria saber se outro, que não fosse eu, lhe causou algum desgosto... Vejo, infelizmente, que essa magua não a traz de casa: emprestei-lh'a eu...

— O senhor? Não diga isso!

Depois, reflectindo:

— Tem razão. Talvez o senhor tenha toda a culpa da minha tristeza...

Helio, atabalhoadamente, procurou nos escaninhos da memoria uma palavra com que a pudesse haver offendido. Talvez Lais houvesse adivinhado a sua intima repulsa. Sentiu-se acanhado, estupido. Procurou indagar:

— Talvez, Alvim...

— Alvim! Alvim! Porque me fala desse homem? Já lhe disse: é um idiota! Um idiota, ouviu bem? Quer mais? Detesto-o! Detesto-o! Detesto-o! Comprehendeu?

Seu vulto, branco e colerico, parecia transfigurado. Tinha espuma nos labios e scentelhas de odio no olhar. A voz rispida, chicoteava a noite:

— Não o amo! Não o amo mais!

Helio, desconcertado, ficou a contemplal-a, balbuciando phrases incoherentes. Ella acalmou-se. Todo seu corpo, porém, fremia ainda. Pesou mais no seu braço; sua cabeça pendeu sobre o hombro do moço; elle sentiu seus cabellos resvalarem-lhe pelo rosto. E, com grande espanto de Helio, começou a chorar, mansamente, convulsivamente, em silencio.

— Que é isso, D. Lais?

Sua voz agora era lenta e repetia, apagada, humilde:

— Não o amo... Não o amo...

Tentou consolal-a. Mas, delirante, num gesto felino de paixão e desespero, ella lhe enlaçou o pescoço, e sua voz desvairada bradou, na noite adormecida:

— Helio! Helio! Não me comprehendeste ainda? Não reparaste na minha ancia? Não vês que te quero doidamente, perdidamente? Tem pena agora da tristeza de Lais!

E foi uma refrega, aquella, renhida, estridente, um entrecruzar de verrinas, de insultos, de blasphemias! Não se contentára só com *O Rebate*, a opposição. Totó Canastra alargara a linha de frente... Arriscára uma empresa mais grandiosa: banda de musica!

— Não comprehendo um partido sem philarmonica! — bradava o leguleio — E' um exercito sem clarins!

O Chico Piston — Miguel Francisco do Amaral Camacho — por antonomasia Chico Piston, incumbira-se de recrutar os restos desmantelados da "Lyra 13 de Maio". Com a promessa de um logar de fiscal da Camara, após a proxima derrubada, haviam conseguido a vinda

do Casimiro Fructuoso, um pardavasco de Heliopolis, selleiro e tocador de requinta.

No campo governista ia um delirio. O maestro da "Lyra" perdera o somno. Escrevera para o Rio pedindo um dobrado novo; ensaiava-o com affinco, indignado com o clarineta, que embezerrára em trocar um si bemól por um dó natural numa volata cheia de trillos, onde o estridor do piston cessava, syncopado, para desandar numa especie de gargalhada da clarineta, parecida com o estilhaçar de uma pilha de pratos.

— Si bemól, "seu" Nico! Si bemól, "seu" burro! Imagina o fiasco se o zebra do Chico pega você na desafinação!

O pobre preto inchava o pescoço, soprava, de olhos esbogalhados, cordoveias estalando de turgidas, o canúdo de ebano coruscante de chaves.

O Directorio, deante da gravidade do facto, resolveu reunir-se. Guella optou que era necessario fardar a "Lyra" para distinguil-a dos musicos da "canalha".

— Uma bella farda verde papagaio, com alamares amarellos... E' até patriotica!

Fizeram a farda. A Camara pagou-a pela verba: "eventuaes".

— Farda! — berrava Totó Canastra — farda é o que nos falta. E' uma questão de honra para o partido. Arranje-se custe o que custar!

Arranjaram. Por meio de generosas dádivas conseguiram todas as fardas de officiaes da guarda nacional amigos e, substituindo os alamares e dragonas de ouro por applicações de velludo grená e rabo-de-cachorro, uniformizaram a banda. Numa noite memoravel, de pandega e bebedeira, baptizaram-na com o titulo comprido mas significativo de: "Corporação Musical Piquirense Doutor Antonio Canastra".

Totó, num famoso gesto de humildade, pediu que tirassem o "doutor". Suggeriu ainda uma abreviação elegante: "C. M. P. Antonio Canastra". As iniciaes, trançadas em monogramma, popularizaram-se logo: "Lá vem a C. M. P." Os governistas, perfidos, decifraram assim as letras: "Canalhas, Muito, Porcos"! Os dissidentes vociferaram.

Chico Piston, exultante, prometera compôr um hymno de guerra: "Victoria dos Opprimidos ou Triumpho da Justiça". Numa noite, in-

somne, vigilou sobre as pautas; a inspiração arisca attrahiu-a com gargalaçadas de cachaça. Logo nos primeiros compassos, porém, viu as notas cirandarem, vertiginosas e esparramou-se, bebedo, sobre o papel, derramando o tinteiro sobre a memoravel partitura.

Pavoroso, de outro lado, começava a campanha. A principio a escaramuça regamboleou num "suelto" aristophanico, onde, no trapezio de uma idéa chula, uma abada de adjectivos azamboantes pinoteava cambalhotas de solecismos.

Installara-se na propria redacção d'*A Trombeta*. Enlapava-se num quarto sem luz nem ar, atravancado de fardos de papel Germania, dividido por um tabique em cujas taboas de pinho grudára ao lado da imagem de S. Gertrudes, sua padroeira e madrinha, tres ou quatro photographias de mulheres atôa, com quem andára amasiado em Sapobemba e Carapicús.

Certa vez, um cão andejo, arrastando um côto de perna espostejado por uma malta de moleques, encontrou a porta da redacção aberta. Num pincho saltou a soleira. Parou. Fariscou... Ninguem! Como um gatuno esgueirou-

se varejando a officina, foçando as latas de tinta oleosa e grossa como pixe. Um typographo vendo-o assestou-lhe um ponta pé no ventre:

— Puxa, diabo!

Com um grito humano, de susto e de soccorro, despejou-se numa fuga allucinada, errando a direcção da porta e barafustou, manco e uivante, na cafurna de Pavoroso. Este, resupino na cama de vento, pernas cruzadas no ar, relia *A Trombeta,* quente ainda do prélo. O cão, transido, parou.

Pavoroso ganiu:

— Sái, péste!

Elle não sahiu. Matassem-no, mas não sahiria! Estava derreado de pancada e de susto. Ficaria alli, vivo ou morto! Farejou o quarto, lambeu o prato onde ha pouco o jornalista almoçára e, como este não protestasse, poz-se velhacamente a fariscar-lhe um dos pés, que pendia da cama. Pavoroso, apiedado, estalidou os dedos. O cão ganiu, abanicando o côto de rabo, orelhas tacteis.

Fitaram-se... Comprehenderam-se... E, desde esse dia, não se separaram mais.

Desde o seu ultimo encontro, Helio começou a evitar Lais. Viu-a varias vezes, de longe; conseguiu esconder-se ou mudar de direcção. A creada que lhe trouxera o primeiro bilhete, procurou-o com recados: Lais marcava entrevistas, passeios. Elle não apparecia. Decidiu passar uns dias na fazenda. Nini ficou: a viagem de troli era-lhe um tormento.

Helio passou cinco dias num trabalho febril: experimentou, sem nenhum exito, uns modelos americanos de arado á tracção mechanica; aproveitou uma baixada para plantio de arroz. Essa agitação febril era uma descarga da energia accumulada na inercia do Piquiri somnolento.

Dormia cedo e não tinha sonhos; as grandes caminhadas a pé, no cafezal, augmentaram-lhe o appetite. Um chamado telephonico, porém, fel-o regressar á cidade. Nini adoecera: coisa sem importancia.

Em casa encontrou o Dr. Alvim que acabava de receitar:

— Um desinfectantezinho gastrico e uns gargarejos de folhas de goiaba... Influenza... Uma influenzinha um pouco forte. Em tres dias está de pé.

Helio olhava o moço medico com pena e sympathia. A scena do Laranjal fel-o corar, humilhado. Constrangia-o a lealdade ingenua do outro.

— Lais tambem esteve doente durante estes dias. E que impertinencia! Que impertinencia! Lais é muito exquisita; passou toda a semana a chorar...

Um prazer egoista e covarde sacudiu a alma de Helio. Mudou, porém, de assumpto:

— Nini é muito nervosa... Que lhe parece seu estado?

— Ora! Doença de rico... Desinfecção, quinino e zás!

Despediu-se. Ia ver o machinista do "Triumpho", um pobre diabo que tivera a mão esmagada por uma engrenagem do engenho. Saiu. Helio, só, ficou refestelado na cadeira, fumando. "Esta semana passou a chorar"... Seria por causa delle? Depois, fingindo não crer,

para exaltar melhor sua vaidade: “Ora! Ora! Mulheres como aquella não costumam chorar por ninguem... Ellas é que fazem chorar os outros”... E foi ver Nini. Ella estava pallida e tossia muito.

— Melhor?

— A febre baixou. Dóem-me ainda muito o peito e os lombos.

Proscaram. Nini, depois, dormiu. Helio, na casa silenciosa, enchia-se de tedio. Um papagaio empoleirado numa gaiola de metal, voltava a cabeça para espial-o e com o bico preto, semilunar, esfarelava um grão de milho. A voz caricatural da ave garganteava: “O'i! O'i! Nini! Nini! Nini! Péga!... Péga!... Péga!... Pum!...”

Bateu as azas verdes. Virou-se, revirou-se, coçou com uma das garras aduncas a cornea recurva do bico:

— O'i! O'i! Péga! Péga! Pum!

O tedio envenenava o ar parado como um anesthesico fluido espalhado no ar. Helio sahiu. Em frente á pharmacia encontrou-se de novo com o Dr. Alvim, que ia subir para o troli a caminho do “Triumpho”. O medico vendo-o, correu a elle:

— Esquecia-me de um recado. E' de Lais... coitada, que está na cama... Disse-me que precisava falar comtigo, negocios urgentes do Dr. Plauto, inventarios, que sei? Dá um pulo até lá! Faze-me esse obsequio... Até logo.

Saltou no troli e o cocheiro tocou os animaes. De longe o medico voltou-se:

— Olá! Não te esqueças...

"Negocios de inventario!... Cynica!" E Helio, no meio da rua poenta, via, apatetado, o troli sumir-se, tomado por uma ironica vontade de rir.

Helio caminhou cautamente, empurrou a porta do quarto; entrou; Lais soergueu-se na larga cama turca:

— Ah! é você?

A "veilleuse" entornava uma luz tibia. Lais sorria, contente, braços nús, peito semi-nú. Helio já se arrependia de ter vindo. Olhou

Lais: viu-a mais magra, com duas grandes olheiras violaceas. Ella lhe estendeu ambas as mãos, com um carinho sincero:

— Obrigado, Helio, por ter vindo...

Sua voz era humilde e agradecida. Encolhia-se sob as cobertas, tornava-se pequenina, bôa... Então elle, sentado ao pé da cama, mirou-a com sympathia; estava branca, de uma brancura de porcellana. Mas, a um gesto seu, a camisa entreabriu-se, deixando ver o peito até á bifurcação dos seios; uns pellos negros — tres ou quatro — se enrolavam, cerdosos, em espiraes.

— O Alvim deu-lhe o recado?

— Foi por isso que vim.

Elle agora, hostil, sentia uma repulsa definitiva por esse corpo de leite, cheiroso e nervoso, que elle imaginava masculo e hispido de cerdas. Cresceu nelle, depois, uma onda de pena; viu-a amorosa e doente, com uma supplica sem queixas no olhar. Ella não lhe disse porque o chamára. Elle não perguntou. Falaram de coisas indifferentes. Helio levantou-se: anciava para sahir.

— Onde vae?

Essa exclamação pareceu um grito. "Era tar-

de"... desculpára elle. Lais reteve-o pela mão: "Sente-se; um minuto ainda... Preciso falar-lhe". Elle, constrangido, atirou o chapéu no toucador. De repente Lais, sentando-se na cama, fitando-o, exclamou:

— Fugiu de mim... Fugiu depois que soube que o queria! Tenho acaso culpa de lhe querer bem?

Sua voz era mansa e seu olhar submisso.

— Soubesse como tenho chorado estes dias...

Tomou-lhe as mãos; baixou a cabeça; encostou-a ao rosto e poz-se a soluçar. Helio sentia-se profundamente ridiculo, só, nesse quarto, com uma mulher que lhe dizia amal-o e que, por sua causa, punha-se a chorar. Tentou arranjar umas palavras de consolo... Nada. Sentia nas mãos a pelle de fogo do rosto della, um pestanejar de palpebras humidas de lagrimas. Pensou, por um instante, em voltar-lhe a cabeça, baixar a sua, beijal-a na bocca... Mas aquella mulher não o attrahia! A sua repulsa crescera ao ver-lhe no peito os fios negros de cabello cerdoso; o seu beijo, denunciando a sua frieza, enxovalharia aquella mulher. Lais, entre soluços, murmurava:

— Helio... Helio... Tenha pena de Lais...

Não fuja mais... Não se esquive assim... Eu não exijo nada... Nada... Basta-me vel-o... De longe... Não faz mal... Só com vel-o tenho uma grande alegria, minha unica alegria... Meu amor!

Passos resoaram no corredor e a voz de Alvim falando á creada. Lais retirou de jacto o rosto, voltou-se, enxugou os olhos. Helio teve um movimento instinctivo de recúo. Olhou Lais: mudára completamente! Era uma Lais citrina, calma, doente. Pasmo, admirou-lhe a dextreza na simulação. E ella, noutra voz, segura, imperativa, abafada:

— Preciso, depois, falar-lhe, a sós...

Alvim entrára. Agradeceu effusivo a Helio a sua cortesia. E interrogou Lais com uma preoccupação apaixonada:

— Você está melhor?

Ella teve um suspiro, olhou Helio com descarada intenção:

— Estou. Estou muito melhor. Quasi boa...

— Falou ao Helio do negocio?... Inventario, não? Está de accordo? — e, voltando-se para o outro — Escreverás a Plauto, não?

— Elle já m'o prometteu — disse Lais.

Helio não comprehendia do que se tratava.

Disse que sim, sem repugnancia. Alvim contava as "ultimas" de Piquiri: o Guella... o Pavoroso... o Refrega... Helio estava doido para sahir. E, emquanto se voltava para pegar o chapéu, viu Alvim curvar-se ao ouvido de Lais, cochichar alguma coisa. Depois, entre o riso delles, ouviu o estálo de um beijo escandaloso. Alvim, com o rosto no rosto della, sorria para o amigo:

— Não repares... Somos assim. Casadinhos de fresco...

Helio, secco, despediu-se. Fóra, atravessando as ruas desertas, arrependia-se de não ter beijado a bocca de Lais.

Os varredores moviam-se espectralmente na nevoa ruiva da poeira, raspando o chão com as vassouras de guanxuma; um acamava o cisco com a pá, num caixote; no meio da rua estava a carroça, sobre a qual uma figura longa re-

mexia os quadris ao rhythmo do maxixe em moda:

Mexe bem remexido,
remelexa meu amor!...

Helio açodou o passo, lenço no nariz, fel na alma. Vinha no ar um cheiro de barro queimado, dos fornos das olarias suburbanas, que ardiam durante a noite. Aos trancos, aos solavancos, entre os buracos da rua, rolou estrupidando a carroça no desengonço dos eixos pêrros. E a canção regamboleava zombeteira e canalha:

Mexe bem remexido...

Sob um lampeão esgueirou-se uma figura longa, precedida pela propria sombra caricatural esparramada na calçada e no muro; um cão esqualido e fiel seguia-o, fariscando as sargetas, erguendo de onde em onde a perna trazeira em paradas rapidas. Helio reconheceu Pavoroso. Uma mulher phantasmal estacava na esquina, junto de um panno de muro desabado. O folicular alcançou-a; cochicha-

ram umas palavras e sumiram-se pelo rombo da parede. O cão, orelhas fitas, rabo flabelante, como um vigia, postou-se sobre um monte de tijolos cahidos. Viu Helio e ladrou, solitario, irritante, na noite adormecida.

O moço seguiu. No largo da Matriz nem uma alma agitava um movimento na vasta praça deserta. Sentou-se num banco e poz-se a pensar estupidamente em Lais e no beijo...

"— Alvim é um idiota!... — matutou.

Teve nojo de si, de Lais e do beijo. Levantou-se nervoso. Agora tres vultos de serenatistas noctambulos paravam numa esquina. Ouviu o trilo estridulo do violino, que se afinava pelo *lá* do violão sisudo e plangente. Escutou gargalhadas e:

— Que vae agora? O "Gondoleiro"?

Uma flauta tentou umas escalas. Os tres instrumentos consultaram-se pela tonalidade de uma mesma nota. Houve um silencio, por fim, na noite, subiram uns compassos de valsa, em tom menor, triste, muito triste, da qual o violino dizia a ancia, a flauta a ternura e o violão magico a angustia dos soluços e das lagrimas...

Dois dias depois encontraram-se no Laranjal, á luz vacilante das primeiras estrellas.

Ella disse:

— Eu te amo!

Elle respondeu:

— Lais: somos amigos. Por quê havemos de ficar amantes e nos odiar? O homem e a mulher, quando se desejam, só nos romances procuram a propria felicidade... Na vida, Lais, odeiam-se e destruem-se. Todo o apaixonado gosta de ver sua amada soffrer... E' o prazer erotico da lagrima, o gosto sadico do insulto, a alegria morbida da dôr! Eu conheço essa historia de miserias, Lais! O amor é um combate, uma violencia... Sem isso é tedio, bocejo, aborrecimento... Depois vem o ciume: a tragedia grotesca do ridiculo. Não! Separemo-nos, Lais...

— Eu te amo!

— O ciume é um exclusivismo egoista, im-

placavel. E' o carrasco que inventa os martyrios... Ver para offender; ver para insultar! Depois a angustia suprema de ter visto, de ter palpado a trahição... E' isso que queres? E' esse tormento, essa guerra?

Ella chorava na noite cheia de estrellas...

— Vae, Lais, segue o teu caminho. E' melhor... Deixa-me no meu. O amor faz nascer de dois amigos, dois monstros, que se aproximam para se devorar; fustiga o instincto com chicotadas de odio; é insaciavel e é cruel. O nosso amor seria uma infamia e, como tal, um ganir de cólera, uma gula de destruição! Segue o teu caminho, Lais...

Ella disse:

— Eu te amo!

— Amar é fazer soffrer. Querer é anniquilar. Desejar, Lais, é ter ciume e ter odio...

— Eu te odeio!

— Eu o disse... Evitemos o mal, esse mal inda mais forte que ha de vir. E' tempo... Já começas a me odiar.

— Eu te amo! Eu te amo! Não saberia viver sem ti!

Elle ainda lutou; entreviu seu desastre; recuou, quasi prestes a cahir:

— Não! Não póde ser! Não deve ser. Separemo-nos; continuemos a ser apenas amigos, como fomos até aqui.

E ella tornou, humilde, de dentro da sua dôr, numa voz apagada:

— Tens razão: separemo-nos... E' o que eu devo fazer. Eu desapparecerei. Deixo a cidade, Alvim e o meu amor...

Ficaram mudos. A noite era cheia de aromas. E a voz de Lais subia agora anniquilada, triste, como uma supplica:

— Dá-me um beijo na bocca: é um adeus!

Elle recuou a cabeça. Seu sangue turbilhonava. Lais aconchegou-se mais:

— E' um adeus... Dá-me um beijo na bocca!

Collou hystericamente os labios nos labios delle, que ardiam. Helio não resistiu. O desejo, ardente e imperativo, incendiou-lhe o instincto. Um arrepio electrizou-lhe os lombos, as carnes... Arrastou a mulher, cego e allucinado, sob o brilho vacillante das primeiras estrellas...

O Dr. Guella caturrára com o Pavoroso que "catapulta" não era uma machina de guerra para atirar pedras nas cidades sitiadas, mas uma especie de montante automatico, usado pelos cruzados deante de Antiochia, para esmoronar muralhas. Pavoroso desovava uma cita do *De Bello Gallico*, num latim syllabado, jurando que os legionarios de Cesar applicavam a catapulta á guisa de estilingue, nos cercos da Britannia; Guella, que não admittia emendas, pois latinizava ex-cathedra, desembainhou um trecho de Suetonio, longo como uma espada, dando a edição, a pagina, a linha de onde o desenconchára. Era evidente que Guella citára falso. Pavoroso propuzera-se ir buscar a obra, para conferir a autenticidade da cincada. Perguntou decidido:

— Que obra?

Guella embatucou. Fingiu uma imprevista desmemoria. Só ouvira falar de Suetonio num discurso que um frade gordo e mulato despejára em Piquiri, quando o bispo viéra para o chrisma:

— No... Espera... No *De Natura Rerum*...

Falsificou o titulo como a citação; roubou a Lucrecio para dar a Suetonio. "No *De Natura Rerum*... Pois não!"

Correram todas as livrarias. Nada! Ninguem dava noticia de um Suetonio. O Dr. Pardo, porém, num bilhetinho pelintra, annunciava ter, em traducção portuguêsa, a "Vida dos Doze Cesares". Estava ás ordens. Pavoroso, cabeçudo, resolvera escrever a todas as livrarias da capital.

— Procurarei a obra até nas cinzas da bibliotheca da Alexandria! — ameaçára.

Nessa occasião, porém, *O Rebate*, rijo como um porrete, desancava o Guella: "E o emprestimo? E o typo do emprestimo? E os juros do emprestimo? E a commissão do emprestimo? Quem havía *comido* na transação do emprestimo?" Foi um reboliço!

Pela manhã, Guella arrebentou na redacção d'*A Trombeta;* agitava na mão o jornal maligno, berrando:

— E' demais! E' demais!

Pavoroso, que ainda dormia, deu um pontapé no cachorro enrolado aos seus pés. Arregalou os olhos: Guella, barbitezo, fazia molinetes com os braços no ar:

— Que foi, doutor?

— Acorda, homem! Salta d'ahi! Em tempo de guerra não se dorme. Pega da penna. Vamos! E' preciso esbordoar "a canalha".

Pavoroso, em ceroulas, arrastou-se até á escrevaninha. Guella, tomou seu ar classico, o que usava na defesa da "honra municipal". Deu os passos de estylo, fungou, tossiu e ditou:

— "A' malta dos garôtos!"

— Hein? Que é isso?

— O titulo.

Pavoroso tremeu:

— E' o diabo... Está um pouco violento...

— Violento? Acha violento? Páu! Páu nelles! De páu é que "a canalha" precisa. Porretadas, cachações, sopapos! Mas vá lá; tróca-se. Ponha: "A' choldra!"

— "A' choldra"...

Guella ditou o resto de um hausto:

— "Os pandilhas mercenarios acovilhados no valhacouto d'*O Rebate*, corridos da sociedade por indignos, que sóem...

— Como é?

— "Sóem"... Garret puro. "...sóem escabujar no lodo... como... rafeiros... rafei-

ros"... E, para Pavoroso: — Arranja lá um adjectivo para isso.

– Rafeiros gafentos.

— Ponha e siga: "...gafentos, deante da defesa do Direito" — com D grande, Pavoroso — "e da Verdade, respondem com baldões aos arrazoados desta folha. Erraram seus bótes. Em vão buscaram enlamear com sua baba a reputação sem jaça do Dr. Aristarcho Barbarroxa Guella" — isso! pespégue o nome todo – "membro do Directorio e varias irmandades, sociedades pias e da "Lyra". Seu nome está alto na veneração dos piquiritanos e longe dos assaltos dos calumniadores. Os redactores d'*O Rebate*, choldra de sevandijas, para macular a honra desse nosso benemerito patricio, gloria real de Piquiri, precisam sahir do ceno moral em que se chafurdam e surgir á luz meridiana de viseira erguida!"

Respirou: Uff! E de olhos fagulhantes:

— Que tal?

— Esplendido! — berrou o enthusiasmo sincero de Pavoroso.

— Agora assigna: "Honesto Pavoroso".

Mas o instincto de conservação que, em cer-

tas almas é a vigilancia da covardia, sacudiu-o numa revolta desesperada:

— Eu não assigno isso! Elles me quebram as costellas!

— Queres acaso que quebrem as minhas? Bonito! Um jornalista com medo de assumir a responsabilidade dos seus artigos! E porque então é redactor chefe d'*A Trombeta?* Ah! quer ganhar 300$000 por mez furtando-se ás consequencias do que escreve? Bonito... Não ha duvida... Olha: manda isso já para o prélo. Eu mesmo farei a revisão.

Sahiu como um pé de vento. Só, arrazado, mãos bambas nas côxas, Pavoroso ficou mudo, olhando o papel, como quem contempla a propria sentença de morte. O cão viera macio, colleante, abanicando a cauda. Pavoroso deu um salto. Sua cólera trovejou:

— Péste!

Atirou-o pelo ar com um ponta-pé no ventre. E, com olhos de fogo, num canto escuro onde se amontoára, o rafeiro ficou ganindo, como se fôra elle o unico culpado de todas as estropelias politicas de Piquiri.

A maresia do nojo envenenava a alma de Helio; o cheiro de Lais obsedava-o. Era uma dessas maravilhas de Atckinson, voluptuosa e diabolica, que os nervos delle repelliam, como a memoria viva da posse. O perfume entrára-lhe na carne, no cerebro, na alma... Era o cheiro "della"; era um resto da sua presença, a acompanhal-o até no recesso do seu lar.

Nas suas horas de asos e de angustia, emquanto Nini tocava ou bordava na sala muda, deitado no divan, reconstituia mentalmente a figura da moça; a perfidia grotesca das memorias exagerava-lhe o buço, numa invasão capillar de macéga que lhe bistrava o labio todo; os cabellos do peito, hispidos, como saca-rolhas, pareciam-lhe cerdas de um javardo. Um horror!

Procurou Plauto que regressára do Rio. Encontrou-o na bibliotheca, acocorado ao pé de uma estante, procurando um tomo de Bernheim.

— Olá!

Ergueu-se, suado e descontente. O creado deixára o pó acamar-se nas lombadas de couro. Tinha as mãos terrosas e brandia o livro no ar:

— Este José é uma besta! Eu sou outra besta, porque toléro e pago o José!

Foi ao quarto vizinho de onde Helio ouvia jorrar a agua do "lavabo". De lá, a voz timbrada e sonora do advogado vinha-lhe entre o eschachôo da agua na pia de louça:

— O Rio, a delicia de sempre. A Rachel Torres deixou-me no hotel um bilhete.

— Outro suicidio?

— Outros quinhentos mil réis...

Voltou enxugando o rosto corado na toalha de Hollanda. Tirára o *pince-nez* e fazia massagens nos olhos. Depois, prompto, atirou-se á *chaise-longue* e berrou:

— José! Traze *chartreuse* para dois...

José veio. Serviu-os, mudo, correcto, marcial. Sahiu num passo hieratico, fechando discretamente a porta. E Plauto, sincero, enternecido:

— Este José é positivamente o modelo dos creados. Vou augmentar-lhe o ordenado no fim do mez...

Plauto chuchurreou o licor, lentamente. E para Helio:

— E tu? Como vae tua historia com Lais?

O outro teve um sobresalto. Mas fingiu:

— Não a vi mais... nem me interessa...

Para ajudar sua covardia, falou de Piquiri. Plauto, porém, commentava a historia de Rachel:

— Banalissima como todas as Laises do universo. Chora, corta as arterias do pulso, com um punhal que lhe deu um principe rumaico, toma cocaina e depois acaba por inventar algum passeio de bote e por pedir algumas centenas de mil réis.

Helio soffria sem saber porquê. Doia-lhe a vaidade; e, na estupidez do seu egoismo, julgava-se capaz de se fazer amar por uma mulher assim.

E, penetrado pelo desejo della, roubou o amor de Alvim a esmo, ora no Laranjal, ora na

cama turca, quasi marital. Tinha, intercadentes, revoltas de brio, de remorso e de tedio; vinham, porém, allucinadas noites de lascivia, de amor estupido, quasi brutal. E elle cahia, contrafeito, cada dia um pouco, cada vez mais...

Foi um desastre! O artigo "A' choldra" convulsionou a cidade. *A Trombeta* passou de mão em mão, foi devorada por todos os olhos, varejou todas as casas, amotinou gente em todas as esquinas.

Recados corriam: "O Estulano mandou perguntar se o senhor leu..." Ou: "D. Eponina queria saber sua impressão... Ella gostou muito". Nos olhos havia interrogações subentendidas: "Que tal"?

Pavoroso teve uma apotheose de rapida celebridade.

— O homem revelou-se, hein?

— Um talento! Logo se via que era da capital...

Guella estava febril. Rodava, como uma sentinella, pela calçada do Club, soltando phrases desconnexas, ambiguas. A roda premera-o, querendo saber, querendo adivinhar... A tentação de confessar a paternidade lá estava, espectante, num refego da vaidade, como um ardil diabolico. E as consequencias? Tinha o asno de Buridan na alma, a hesitar entre a gloria açorante e o medo retractil. Temia Canastra! E uma colera contra o destino corcoveava nelle, chucra e rábida: "Porque nasceu esse canalha assim musculoso e façanhudo?" Canastra era um latagão cobreado, olhar soslaiante, "lombroseano". Já desancára a porrete um advogado, nas barbas do juiz, em plena audiencia; resistira á prisão, depois, garrucha emperrada, e "não me cheguem!" calafriantes. Certa vez, ao Chico Pitombo, valentão famanaz de collar de orelhas, que o alvejára com um tiro de clavinote ,tomára-lhe a arma fumegante e assestára-lhe no craneo, com a coronha, tal mocáda que o puzera de bôrco, na sargeta, a sangrar como uma rez carneada. Numa eleição, só com um rebenque, affrontára os sol-

dados do Gallinha, bandido fardado, atravessando o corredor da Camara entre chuços de bayonettas, pondo na urna seu voto opposicionista. Guella soffria, estoico e calado... Ficasse o outro com as honras; elle contentar-se-ia com a impunidade.

Falava-se no possivel pugilato. Fechavam-se apostas. Nos arraiaes dissidentes a noticia corria como certa.

Pavoroso sahiu á tarde. Seguia-o o cão. O povo apinhava-se para vel-o.

Totó, que lêra *A Trombeta,* notificou os amigos:

— Elle apanha.

Era laconico como um ephoro: uma phrase era uma sentença: Houve, então, na roda, pedidos tibios de piedade, uns sinceros, outros covardes. Tinham pena do contendor ossudo e anemico. Outros eram vulpinos: sopravam uma misericordia absurda como vento num brasido...

— Apanha!

Não houve remedio: Pavoroso apanhou. Apanhou ás dezesete horas menos quatro minutos, no largo da Matriz, nessa sexta-feira de Agosto de 1905.

Foi assim: Guella e os asseclas diziam chalaças, já serenos, na porta do Club. Zombavam do Canastra. Como fosse tarde, julgavam ter gorado qualquer reacção de parte do redactor d'*O Rebate*. Pavoroso, contente, dirigia-se para a porta do Club, onde o esperavam as honras capitolinas da jornada. O cão saltitava e latia. Ao atravessar, porém, o largo da Matriz, estacou apavorado: vira o Canastra!

A scena teve um desfecho fulmineo. O encontro foi solemne, glacial:

— E' o senhor o autor daquelle artigo d'*A Trombeta?*

Totó fez a pergunta lentamente, destacando uma por uma as syllabas, como para as saborear.

— Res... pon... da.

Pavoroso, quieto. Foi então que Totó, com as veias do pescoço, turgidas, olhar canino, estalou-lhe na cara a famosa bofetada: Plaft! Instinctivamente o outro quiz reagir: ergueu a bengala num molinete incerto... Totó, porém, agachou-se; varreu o chão com uma rasteira; o outro sentiu um vacuo nos pés e despenhou-se, de costas, num urro.

Muda, parva, immovel, a roda, na porta do Club pareceu fulminada. Totó, calmo, ergueu do chão a bengala do vencido. Rodopiou-a entre os dedos e afastou-se, tranquillo, lento. Parou um instante; riscou um phosphoro, mãos em concha, accendeu o cigarro e, sem pressa, num passo seguro, sumiu-se por detraz da Egreja Matriz.

Estavam alli, violaceas e nitidas, em varetas de leque, as ecchymoses fataes. Quizeram fazer auto de corpo de delicto. Guella, aos guinchos e aos pinotes, pedia um revólver para esburacar os miolos do leguleio. O cachorro aulia, agoniado, rodeando o ferido.

Reuniram-se alli mesmo, numa sala discreta, reservada ao "pocker", os chefes para deliberar. Projectaram coisas absurdas; não resolveram nada. Chamaram Pavoroso: fa-

riam o exame; falariam ao delegado; promoveriam processos; uma inquisição!...

— Não! — gemicava Pavoroso — Não! Deixem-me... Deixem-me... — E vinha um chorrilho de soluços. — O que quero é descanço, é tranquillidade, é paz...

— E's generoso... Perdôas o inimigo...

Guella, commovido e theatral, vendo na cara do cumplice os cinco vergões roxos como as cinco chagas de Christo, abraçou-o, sob o geral enternecimento:

— E's, como eu, um martyr da "honra municipal"!

E ficaram grudados um no outro longo tempo, na solidariedade do desastre, as costas sacudidas por soluços, compondo um grupo esculptoreo de fraternidade e de dôr...

Embryonarios movimentos de revolta agitavam-se no limbo do seu sub-consciente; que-

bravam-se, inanes, deante da solicitação bestial do seu instincto, que o levava a procurar a carne que odiava; saciado, tinha engulhos; depois, insopitado, o desejo crescia, martelando-lhe no sangue, torturando-lhe os sentidos. E o amor de Lais, paixão carnal abrasante, penetrava-o todo, abafando o clamor do seu brio, amordaçando os gritos da sua vontade envilecida...

Na consciencia raciocinada do seu erro acreditava poder forrar-se á tyrannia, adiando para um "amanhã" que não vinha nunca, o rompimento definitivo. "Quando eu quizer acabo com isto" — pensava. Não queria ou não podia. E Lais, cada vez mais senhora dos seus nervos, escravisava-o ao seu capricho erotico e avassalador.

Certa vez, na Collectoria, percebera um commentario perfido sobre a amante. O Zéca, sinuoso, sorrira: "E' uma prostituta como a Patarrôxa... Dá-se até por dinheiro... O Dr. Alvim parece cego"... E accrescentára maligno: ..."ou finge ser"...

Coisa extranha: esses insultos fizeram-no interessar-se ainda mais por Lais. Alvim procurava-o, maçando-o com confidencias ridi-

culas; elle não sentia a vergonha da sua infamia; fazia-se astuciosamente confidente do outro, para arrancar-lhe minucias de intimidade. No fundo, velhacamente, achava ridiculo o homem que trahia. E pensava: "Todos os enamorados são assim... Titania adorará sempre a cabeça de burro. Othelo, negro e ululante, desfibrará as mãos heroicas, com seus dentes de gorilla, espernegando no chão como uma serpente espostejada. Fausto, rheumatico e tremulo, pedirá a Mephisto, babando, um corpo de vinte annos para gastal-o em serenatas á Margarida... Abeillard, romantico e castrado, balbuciará coisas infernaes á monacal Eloisa, emquanto Mirabeau, sublime e horrivel, tecerá madrigaes a Sophia... Todos assim, na arte e na vida, bonecos grotescos a saltarem na mão do jogral sagittario"...

Certa manhã, — em que um capricho da amante o convidára para um encontro em plena matta — notou que ella era agil como uma corça ao saltar feixos e troncos e que varejava moitas de espinhos como um veado.

— Velho habito, não?

— Instincto...

Outra vez, no jardim, ao rumor de uns pas-

sos, emquanto se beijavam, esgueirou-se e sumiu-se ao pé delle, entre uma espessa ramagem de cambuhy rasteiro. Elle ficára pallido, offegante, esperando os importunos. Eram o Zéca e o Dr. Pardo.

— Boa noite, senhor Helio.

— Boa noite...

— Está gosando a fresca?

Ella, emboscada na moita, não bolia. Helio, nervoso, imaginava-a tremula, commovida, sem ar, com as juntas doendo... Daria annos de vida para affastar os importunos.

— Desce comnosco, senhor Helio?

— Não. Estou esperando Plauto...

— Até logo.

— Até já.

Viu-os perderem-se nas sombras. Soffrego, curvou-se e chamou: "Lais! Lais!" Um "psiu" cavo, timido, veio das folhas immoveis. Elle insistiu: "Lais!" Cauta, uma voz sussurrou emquanto as folhas mexiam: "Já foram?" Elle: "Já!". Uma gargalhada casquinou sonóra da balsa. E ella, alegre, sem se mostrar vexada, surgiu, estalando-lhe um beijo na bocca:

— Depois vá dizer que não te amo.

Helio estava desnorteado. E lembrou-se de que aquella noite fôra de pura tragedia. A lua, sangrenta, saltava de cyrrus em cyrrus como uma cabeça degolada que rolasse entre as pedras de um fosso. Os ventos punham gritos humanos nas arvores. Sós, nesse ermo, viam ao longe lucilar a cidade, como estilhas de astros pulverisando a baixada. O desejo morto trazia-lhes agora aos nervos uma deliciosa modorra, como um somno macio de cançaços parados nos musculos. Elle beijava-lhe as grandes palpebras descidas, dizendo coisas amigas, mollemente. Ella, como se fôra uma coisa fragil, pequena, encolhia-se entre seus braços, murmurando: "Vês? Arrisco tudo por ti, tudo"! Elles pensavam no amor e na morte. E a noite os escondia com a cumplicidade do ermo. Cricrilavam grillos. O ruido de um gommo rachando, sobresaltava-os: "Ouviste"? Escutavam... "Não é nada"... E se beijavam na sombra.

De repente cresceu na noite um estrupido: "Péga! Péga! Côu! Côu!" Ella saltou, num impeto:

— Helio!

Elle viu-lhe o terror, nos olhos, nos labios.

O estridor crescia... Cães rugiam, ladravam com furia. Lais escondeu-se. Elle, resoluto, com a serenidade do irremediavel, encostou-se a um tronco, coração aos pinchos, revólver na mão. Longe fumegavam fachos; bruxoleantes, serpentejavam no pasto e a celeuma engrossava, fragorosa, feita de gritos de homens e de aulidos de cães. As luzes vinham, aos acasos das azinhagas; sentia-se o ramalhar das hervas altas... Helio viu, vincando o capim numa batida, os cães de fila, saltando á frente de tres homens de espingarda, com archotes na mão: "Péga! Péga! Isca! Côu! Côu!"... Elle, já na posse da sua coragem definitiva, emperrou a arma! O magote passou, de roldão, como uma rajada de luz e de gritos, rente do tronco em que se encostára. Seguiu, rasgando a macéga, numa investida, e as vozes se amorteceram e, ao longe, quebrados, os ultimos gritos se apagavam no silencio irreal...

Um panico enorme, calafriante, esvasiou o ar de todos os rumores. Era uma syncope tragica, cheia de arrepios mudos. O revólver cahiu-lhe da mão. Então foi que Helio, exta-

tico, apalermado, livre do perigo, mediu todo o horror desses minutos eternos!

Procurou Lais. Sob umas moitas, quasi desacordada, viu-lhe os olhos pavidos. Ergueu-a; ella tremia; a bocca, balbuciante, interrogava: "Helio! Helio! Que foi? Que foi?"

Elle não disse nada. Cingiu-lhe com o braço a cintura e desceram, rumo da cidade, no silencio solemne. Já a lua era mais clara e o vento varrera as nuvens. Estavam no jardim. Ella sentou-se, semi-desfallecida num banco. De repente, numa crise convulsiva, começou a chorar. Seus nervos contrahiam-se. E, puxando-lhe a cabeça, beijou-o nos labios, mordeu-lh'os, hysthericamente, a balbuciar:

— E terás coragem de duvidar de mim? Que provas queres mais do meu amor?

Rolava de queda em queda. Sentia agora um prazer doentio, quasi sadico, em cahir... Não!

Não era amor aquillo: era cegueira e desejo; elle sentia nos gritos da sua carne, no furor dos seus nervos que era uma perversão do seu instincto tomado de uma diabolica fome e sêde de Lais...

Agora queria a historia daquella mulher enygmatica, que lhe falava de terras extranhas por onde andára, de climas longinquos, de costumes bizarros. O que era curiosidade, fez-se tortura, obsessão. Muitos homens, talvez, haviam passado por aquella alma, deixando traços, vivendo ainda nos seus gestos, nalgum cacoete, nessas modificações que a convivencia imprime nas attitudes de cada ser. Reparára que, de Alvim, assimilára uma phrase, familiar ao medico, e que ella repetia a cada instante:

— Quer-me parecer que...

Até a inflexão dubitativa que dava a essas palavras banaes era bem "delle". Era um pouco do "outro" que vivia na sua bocca. Talvez ella não fosse mais que pedaços de outras vidas, restos de outros seres que a haviam amado e possuido antes delle... Cada um deixára a sua pégada, signal e marco da sua posse; as paixões mortas resurgiam nesses epitaphios...

E elle soffria, crendo-a um ser artificial e multiplo, guardando nas palavras e nos gestos, traições passadas, phantasmas presentes de amores mal soterrados...

Exigira, um dia, que ella lhe contasse toda a sua historia. Ella inventou uma tragedia banal — a eterna mentira das decahidas — onde apparecia como victima dos martyrios de um Barba-Azul. Elle acreditou ingenuamente, soffreu com ella as torturas imaginarias e, quixotesco, odiou o monstro. Nesse dia ella chorou. Chorava por qualquer cousa: para o commover e para mentir; para o insultar e para fazel-o soffrer... Chorava e ria, atôa; ás vezes, hystericamente, misturava o choro com o riso, num rumor calafriante e convulsivo de gargalhadas e soluços. Parecia louca. E elle tinha as carnes geladas, como se lh'as cortassem com muitas navalhas.

Já não sentia repulsa pelo buço; pensava que a sua graça seria incompleta se seu labio não fosse assim. Outras vezes, por uma resurreição brusca e inexplicavel da sua idiosyncrasia, tinha uma repugnancia vaga, como se visse nella uma monstruosa xiphopagia de seres nebulosos, insexuados, e repudiava-lhe o cor-

po, como se fosse o corpo de um hermaphrodita. Depois, numa inesperada crise de desejo, passava dias delirantes ao lado de Lais.

A Collectoria do Zéca, absorvida na refrega politica, deixára em paz as reputações alheias. O amor de Helio, porém, já quasi affrontoso, deu á lingua do Dr. Pardo assumpto de sustancia. Plauto, que ouviu o commentario, revoltado, desmentiu:

— O doutor affirma uma inverdade. Helio não tem nada com Lais.

Riu-se o côro. Como, porém, chegasse o Dr. Alvim, desconversaram. "Fazia calor em Piquiri... E, por falar em calor, o ultimo artigo do Canastra"... Plauto sahiu. Prudente, procurou o amigo em sua casa. Recebeu-o Nini, muito alegre por vel-o, provocando-o á discussão com seus elogios á musica franceza. De bom humor e sorridente, o advogado foi cruel:

— Só tolero o *Cysne*, de Saint-Saëns, dançado pela Pavlowa. Isso mesmo porque morre... Massenet é uma lixa, rásca-me os nervos como os enceradores o assoalho. Quanto a Debussy, só sinto que, quando fez ruir a *Cathedral*, não houvesse morrido sobre os seus escombros!

Nini ria, reclinada na ampla cadeira ingleza.

— E o nosso Helio, D. Nini?

— Não imagina! Está doido por fugir de Piquiri...

Plauto convenceu-se de que o Dr. Pardo o calumniára. Pediu licença e sahiu. Na porta da rua, encontrou Helio que regressava:

— Onde andas, homem?

— Procurei-te agora mesmo em teu escriptorio... Queria conversar. Saudades...

— Vamos d' ahi... Conversaremos passeando.

Arrastou-o pelo braço; quando chegaram ao largo da Matriz, Helio viu o vulto de Lais ao longe. E, atabalhoadamente, improvisando uma desculpa, deixou o amigo. Pasmo, Plauto ficou a vel-o atravessar a praça sob um sol de fogo, sem saber que pensar. Accendeu um cigarro resmungando: "E' o diabo! A's vezes

o adagio tem razão: *Vox populi, vox Dei!*"..
Não acreditou na sua intima perversidade,
mas teve vontade de rir.

Naquella noite, ao atravessarem a rua, Helio e Plauto foram arrastados por uma onda de povo. Vibravam no ar ululos, gritos, vivas e dobrados.

— Que é isto, Plauto?

— Sei lá!

O roldão humano rolava caregando estandartes e lanternas. Na frente, a "C. M. P.", com a farda, rutila de metaes, atroava o ar com estouros de bombas e berros de cornetas. Cortavam, em rajadas, o pandemonio dantesco, os gritos: "Viva Antonio Canastra! Viva o Antonio Canastra! Viva o Totó"! Estralejavam rojões lacrimejando em chuveiros de centelhas.

Helio interrogou um visinho:

— Que é isto?

— Manifestação...

A onda premia Plauto e Helio. Ondulava, grossa, estuante, como uma vaga; uma alegria doida fuzilava nos olhos dos manifestantes; a multidão cobrejava ao acaso das ruas, como um monstro apocalyptico e multitentacular; era uma coisa amorpha e compacta, fabulosa e fragorosa, com mil boccas, mil olhos, arrastada pela vontade anonyma e irraciocinada de uma suggestão collectiva e obscura.

— Vamos até o fim? — interrogou Plauto.

— Vamos... E' curioso...

Em frente á casa do Canastra, a multidão estacou. Havia luz nas janellas. Cabeças recortadas em nankim no interior luminoso, lembravam sombras chinezas. Eram os intimos do leguleio. Totó não apparecia. Modesto, balbuciante, murmurava enternecido:

— Eu não mereço... Não! Não mereço...

Fóra, num rugir de maré alta, a turba queria o seu heróe.

— Viva o doutor Antonio Canastra! Viva o Totó!

Foi mister trazel-o quasi a força. Totó de-

bruçou-se na janella. Um delirio! Um moço, na rua, saltou para o claro aberto na multidão. E disse que Canastra era como Cesar e Alexandre, um conquistador; disse que era como Annibal e Napoleão, um estratega; disse ainda que era como Bismarck e Cavour, um diplomata! Disse ainda outras coisas, todas ardentes, todas estonteadoras.

A turba espostejou a peroração com palmas e applausos. Mas a voz do moço, inquietante, terminava:

— ... salve ó Piquiri liberta! Salve ó tu, Canastra, que redimiste a cidade á sanha dos foliculario canalhas!

Houve um desses delirios que levam as multidões aos supremos crimes ou aos supremos heroismos. A banda tocou. Subiram rojões. Mas um gesto de Totó paralyzou a turba. Um silencio de ancia pesou, onde só se ouvia o estertor do peito do orador cançado.

Canastra começou sinuoso e discreto. Não fizera nada... Fizera apenas... Esse "apenas" parecia o cavallo de Troya: trazia coisas e mais coisas no seu bojo. Quando recordou, num surto, o seu combate com Pavoroso, a scena da bofetada, guinchos, ululos, berros es-

tridularam no ar. Elle parou, encolhido, modesto... E terminou:

— Agora quero que *acompanhem-me* em dois vivas: um a Piquiri liberta, outro á nossa corporação musical!

Urros, palmas, estouros, rojões, dobrados. Lagrimas de enternecimento estriavam faces commovidas, as interjeções ávidas de pupillas cruzavam-se. Em casa de Totó espoucavam rôlhas: Helio e Plauto a custo varejaram a multidão.

Fumando e rindo, rua abaixo, alcançaram a Collectoria. Só, engulido pela treva, arisco, um vulto espiava. Aconchegaram-se mais e viram a figura longa do Dr. Guella que, desgrudando-se da parede e abotoando as calças na frente, os saudou:

— Boa noite.

Boa noite.

Guella, convulso, tomou-os pelo braço com uma enternecida intimidade que espantou Helio. E, com fel na voz gotejou o seu despeito.

Regosija-se "a canalha"! Nem ao menos o vernaculo conhece: *Quero que acompanhem-me*"... E é a um homem desses que se fazem manifestações!

Em ululos tremulos, na noite, vinha, amortecido e distante, o clamor dos vivas. E os tres vultos perderam-se na treva, em direcção do largo da Matriz.

A sua vontade foi um brinquedo nas mãos de Lais. E amou Lais, desejou Lais, absorveu-se em Lais...

A's vezes, abruptamente, assaltava-o um impeto de independencia; cria-se alforriado ao jugo. E dizia, a si mesmo, convencido: "Fiz o que quiz... Posso deixal-a no dia que quizer"... E via em Lais a *outra*, isto é, um ser masculo, felpudo, paradoxal. Solicitado pelo instincto, esquecia sua revolta e entregava-se ao dominio egoista dessa mulher sensual e branca, que se enrodilhava no seu torso como um annel de éra num tronco.

Voltava do Laranjal cançado e suarento, odiando a amante, tendo a alma trespassada

por um tedio mortal. "Não volto mais... Nem sei mesmo porque vim". E jurava partir para S. Paulo no dia seguinte. A paizagem tinha bocejos fartos de ar abocchornado. Nos troncos zangarreava a monotonia bohemia das cigarras. Raspava-lhe os nervos esse garritar rascante. A principio parecia o attrito de um palito numa caixa de phosphoros: "rak!... rak!... rak!..." Depois o rechino desmanchava-se num retinir longo, monocordico, dormente. Uma aquietava-se aqui; rompia outra adeante. Era o tedio sonóro.

"Esta é a ultima vez que venho". Labaredas de alegria punham-lhe arrepios de gargalhadas morbidas nos nervos. E, ironico, irritado, feria-se com seus sarcasmos: "Hontem eu disse a mesma coisa... Sou uma besta"!

Olhava em redor. A paizagem era triste e desalentada. A herva-de-rato ensanguentava com borrões de vermelhão da China o verde Paris da pastagem. Bois côr de canella mexiam-se lerdos, escorrendo visgo nos focinhos de pixe. Triste... Tudo triste...

"E Nini"? Helio fechava os olhos envergonhados; retinha a respiração e uma agulhada

gelida trespassava-lhe a medúla. E odiava Lais.

A's vezes, resupino no sofá, cahia numa tibieza que lhe anniquilava a vontade; passava horas assim, sem lêr, sem desejar, sem pensar, sem dormir... De repente levantava-se atrefegado. Sahia; fazia longas caminhadas a pé, imaginando encontrar Lais na rua. Voltava esfalfado, mas contente. E, decidido, falava a Nini do seu proximo regresso a S. Paulo.

A Plauto negava que tivesse relações com Lais. Era cruel em ridicularizar a amante: o buço, a voz anasalada, o seu ar hermaphrodita... Plauto refranzeava:

— Cuidado com aquelles fios de cabello... Foi num fio que Musolino tropeçou...

Elle corava, como uma creança; quasi denunciava sua miseria. Gostava, porém, de conversar sobre Lais.

A' noite, quando só no seu escriptorio, estendia-se na "chaise-longue" e examinava a paizagem inedita e barbara da sua alma; chegado a Piquiri seu espirito era uma gandara deserta, onde lenta passava, esfumada e longinqua, a caravana do tedio. A medida que acordava as memorias, via bolearem-se cômoros de

emoções, saltarem, abruptos, pincaros de desejos. E, reconstituia, com volupia, as scenas gosadas; era a evocação desses momentos de vida como photographias, immoveis, nitidas. Via um pedaço do Laranjal... uma expressão estatica de Lais... uma cerca... uma pedra... Lentamente ligava esses fragmentos de lembranças a certos estados d'alma que os fixára na sua retentiva. Alguma scena ficára-lhe integral, viva, no cerebro. Por exemplo: a noite de 23 de Abril, quando se encontrou casualmente com Lais no Laranjal. Revia o ceu, uma nuvem, o Cruzeiro, que verificára estar mais deitado, mais para o sul. Alguns objectos tinha-os agora nos olhos: o desenho da renda do vestido de Lais... Verificou então que certas cousas eram como extranhos marcos mentaes a que se prendiam longas theorias de lembranças. Quando, ancioso, queria uma minucia, uma phrase, remontava até um desses marcos e, de memoria em memoria, encontrava a imagem que procurava. Assim, a idéa de um pé de banco, em forma de garra, todo de ferro fundido, evocava a noite de 3 de Maio. Fôra assim: Lais, a um signal seu, deixára a multidão que rodeava um batuque de negros.

Esgueirára-se discretamente até o parque deserto. Elle encontrára-a sentada no banco; no ar vinha o estrupido rouco dos bombos; havia um cheiro lascivo de jasmin, no vento; elle curvára a cabeça, ouvindo-a; seus olhos cravaram-se no pé do banco, o qual nunca mais lhe sahiu da memoria. Coisa extranha: os rumores e os perfumes suggeriam-lhe evocações mais fortes: o cheiro das "Flôres de Tokio" lembravam-lhe o quarto de Lais; ao aspirar esse aroma, viu os espelhos dos moveis, os objectos do toucador, principalmente uma pequena caixa de pó de arroz de prata e crystal e um relogio minusculo e bulhento. O cheiro de agua de Colonia despertava-lhe um erotismo indeterminado e braceante.

Tornára-se supersticioso; usava ridiculos amuletos para attrahir o amor de Lais; só sahia de casa pisando a rua com o pé direito; alegrava-se quando via uma aranha á noite; se se lhe deparava na rua algum corcunda, tinha certeza de que passaria um dia feliz.. Ao ver um numero pensava: "Se fôr par ella me quer bem. Se fôr impar"... E, quando verificava ser impar, dizia: "Não valeu". E recomeçava a ridicula experiencia.

Agora Piquiri interessava-o; adaptava-se ao meio; apparecia na Collectoria, para saber... para investigar... Ahi, porém, a reputação de Lais era ataçalhada. A principio quiz reagir; depois, sinuoso, tolerou; por fim, para esconder o seu interesse, collaborou discretamente, sempre intimamente contrafeito. Tinha certeza de que a calumniavam; mas, no fundo do seu sub-consciente, uma nebulosa de duvida aos poucos se condensou. Certa vez affirmaram-lhe cathegoricamente que ella era amante do coronel Lupercio.

— Do Lupercio?

Isso era demais! Helio revoltou-se:

— Lupercio é um cretino. Não foi feito para o paladar de Lais.

— E' um cretino mas paga fabulosamente ás mulheres... Lupercio tem dinheiro. Não se illuda, senhor Helio: as Laises nasceram para o dinheiro dos Lupercios... — disse o Dr. Pardo.

Helio, indignado, teve vontade de o insultar. Um derradeiro pudor reteve o escandalo. Passada a reacção do seu egoismo, veio a queda da sua covardia. E, miseravelmente, concordou:

— E' verdade... Afinal, mulheres como aquellas compram-se com dinheiro.

E sahiu dalli com um grande nojo de si mesmo. "Sou afinal um covarde... Porque não me calei? Porque ajudei a enxovalhar Lais"? De repente esqueceu seus remorsos: viu o vulto della, colleante e esguio, atravessando a esquina do Club. Apressou o passo, com o escandaloso desejo de alcançal-a em plena rua e alli mesmo pedir-lhe perdão. Mas a duvida chicoteou-o: "E se ella fosse atraz do Lupercio"? Teve quasi certeza de que ella procurava o "outro". Ao defrontal-o, porém, Lais sorriu. Uma onda de felicidade inundou-lhe o coração, que saltava como o de um adolescente.

Certa vez Lais lhe contou:

— Disseram a Alvim que somos amantes.

Uma rajada de vergonha fel-o enrubecer.

Seus dois olhos afuroantes interrogavam-na. Ella, que cantarolava uma copla de "habanera", interrompeu-se para exclamar:

— Elle não acredita... — e com satanica malicia: — Elle não acredita em nada...

Explodiu numa gargalhada cynica. Doeu na alma de Helio o tinido falso desse riso. Quiz pormenores. Lais contou, agora já séria, quasi triste:

— E' a maledicencia da parochia... Perseguem-me com accusações. São implacaveis commigo...

E, com um sorriso de mofa e desafio:

— Até do coronel Lupercio falaram...

Riram ambos. E, zombeteiros, crueis, descreveram-no tolo e escanifrado, a fazer piruetas no seu tordilho, aos domingos, tintilando as applicações de prata dos arreios, como a entremostrar os seus vastos e decantados contos de réis...

— Elle, porém, olha-te de uma maneira...

— Elle? Póde olhar! E que tem isso?

Enterrou-lhe os dedos nos cabellos e beijou-o na bocca:

— Pódem falar... Pódem falar o que qui-

zerem... Contanto que eu só goste de ti, meu amor, meu "unico" amor!

Nessa noite, uma amiga de Lais veiu visital-a. Era artista — "prima-donna" de uma "troupe" andeja de operetas, onde o tenor Boris, com uma voz de oboé num tronco de athleta, garantia a fama provinciana do bando. Chamava-se Carmen, era hespanhola e tinha uma pinta falsa no rosto esfarinhado de pó de arroz. O encontro das amigas fôra ruidoso, muito estalado de beijos, erguendo em cada phrase uma interrogação.

Helio, esquecido num canto da sala, acanhado, sentia-se mal alli. Lais parecia não vel-o; installou a amiga na cadeira de balanço, rodeou-a de cortezias affectadas, informou-se de trechos da sua vida, citou nomes de homens, de cidades, curiosa, interessada, rindo, querendo saber, dando-lhe palmadas de

intimidade, entre frouxos de riso. De repente voltou-se e, vendo Helio, apresentou-lh'a com emphase:

— A senhora Carmen Flores... Notavel artista lyrica...

A outra, imponente, saudou-o com um mover lento de cabeça. Elle estendeu-lhe covardemente a mão. Lais, porém, attrahindo Carmen a si, entre risotas maliciosas, sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. Ambas olharam canalhamente o moço. E Carmen, que sorridente pareceu examinal-o, sussurrou, perfida, com intenção:

— Muito bem... Muito bem... E o doutor?

Helio fremia de humilhação e de vergonha. Odiava Lais; e percebeu que sua amante contava áquella mulher todo o seu amor e sua intimidade.

Carmen, porém, só pensava em Boris: "Precisas vel-o! E que voz! Que voz"! Lais promettia ir ao espectaculo. A outra insistia: "Estivera em Conservatorios, na Europa. Boris fascinára platéas. Estava com a grande carreira feita. Mas...

Lais, muito intima, lendo-lhe nos olhos o resto:

— Mas...

A outra riu, com orgulho, approvando. Helio comprehendeu. Sentia-se alli como um principe exilado num cortiço. Desconhecia "essa" Lais. Sentiu que a odiava, agora; quiz sahir. A amante não o reteve:

— Voltas mais tarde?

E elle, emburrado:

— Não sei... Talvez não. Creio que não.

Fóra, sob a janella, ouviu as duas vozes indifferentes e garrulas que falavam de Boris, de Helio, de Alvim.

Mal dera uns passos teve um doido desejo de voltar. Mas, na esquina, esbarrou com Plauto.

— Fugitivo! Onde tens andado, homem, que não te enxergo mais?

Helio engrolou umas desculpas. O amigo enlaçou-o pelo braço e fel-o seguir:

— Vamos ver o luar no parque. E' a unica coisa seria que ha por aqui. Unica dadiva que o Senhor dá a Piquiri...

Elle ainda relutou. No intimo desejava rondar a casa da amante. Plauto não admittia razões; fazia agora a resenha dos ultimos acontecimentos politicos da cidade: o partido do Dr. Guella desmoronava... Canastra — o astro novo — subia sereno no ceu do prestigio. Pavoroso, assustado, não ousava gatafunhar mais uma linha: encolhia-se, arisco e retractil, no seu fojo, com o cachorro e um cigarro. Era um trambolho a atravancar o partido. Só havia um remedio: embarcal-o.

Entraram no parque silencioso e claro. Um cheiro virgem de madresilvas estava na brisa. O sino da cadeia badalou, lento, solemne. E desceu uma grande paz no jardim deserto. Uma sentinella que se rendia atirou um brado, que acordou echos adormecidos: "A's árms"! Depois, mais tropego, mais longinquo, o relogio da Matriz repetiu as badaladas: "blon! blon! blon!".

Helio pensava em Lais. Sentados ambos num banco, elle fumava, quieto. Preferiria estar rondando a casa da amante; nos ultimos

mezes perdera de todo a compostura; acostumara-se a passar reiteradamente sob as janellas da casa de Lais, parar na venda fronteira, sob o pretexto de comprar phosphoros, reter um conhecido na esquina, a palestrar sobre tolices... Plauto, contagiado pela solemnidade hieratica das coisas, olhava a noite pesada de estrellas. Depois começou a falar, lentamente, numa voz abafada, para não offender o pacifico silencio.

Helio soffria, immensamente, sem motivo; tinha na alma o desespero das confidencias, mas não ousava contar a Plauto o seu martyrio. Suffocado, esteve na imminencia de confessar-lhe a sua paixão por Lais. Mas Plauto falava-lhe agora de Nini. Então, seu desespero foi enorme: sentiu-se arrasado, cheio de remorsos e de vergonha. E, apesar de maldizer a estupidez da sua quéda, lembrando-se de que Alvim estava no Rio, procurava no cerebro uma desculpa para deixar o amigo e passar a noite com Lais.

Bateu cautamente na veneziana. Dentro havia luz. A folha estalou e, pela frincha, viu a cabeça de Lais.

— E's tu? Pensei que não viesses mais...

— Abra.

A janella fechou-se. Helio olhou em redor: a rua estava deserta. Ouviu passos. A porta rangeu e, como um gatuno, entrou. Lais estava de "pegnoir", cabellos soltos:

— Ia dormir.

Elle beijou-a soffregamente. E ella, esquivando-se, tranquilla:

— Espera, homem... Deixa-me ao menos fechar a porta.

Elle lhe cingiu a cintura. Lais empurrava-o mansamente, subindo os tres degraus do corredor, evitando os labios delle, tendidos e tremulos. Chamou:

— Maria! Maria! Ponha o chá na mesa. Para dois.

Tomaram chá. Elle, com fingido interesse, perguntou-lhe pela amiga.

— E' Carmen — informou Lais — Conhe-

ço-a ha longo tempo. Queria que eu tambem entrasse para o theatro. Não tenho geito para isso... Ella estreou-se no "Moulin Rouge", em S. Paulo. E' feia, não?

— Horrivel!

Falaram de Alvim.

— Talvez volte amanhã — disse ella — Por mim preferiria que ficasse por lá...

Tinha um ar distrahido; Helio achava-a fria. Sentada ao seu lado, pernas cruzadas, fumava um cigarro turco, soprando indolentemente a fumaça.

— Estás aborrecida?

— Não...

Cantarolava uma aria argentina, pensando nos triumphos de Carmen. Depois foram para o quarto.

Lais parecia agora alegre. Fazia caretas ao espelho, onde se reflectia Helio, que se sentára na cama; mordia a lingua, piscava os olhos. Elle ria, chamando-a, com acenos. Do toucador vinha um cheiro lascivo de "Flôres de Tokio" e elle sentia o desejo fremir-lhe nas carnes; tinha as mãos frias. Um relogio miudo pulsava sobre o marmore; o seu "tic-tac" pa-

recia monotono, naquelle silencio. Elle chamou-a:

— Vem...

Puxou-a mansamente para o leito. Lais atirou-se para traz, elastica e felina, pendeu sobre elle, como uma grande flôr de carne.

— Dize que me queres bem.

Ella, fechando os olhos, repetia, como quem recita uma licção ensinada:

— Quero-te muito bem... Quero-te muito bem...

E elle segurava-lhe as orelhas como ansas, bebendo-lhe beijos na bocca. Depois, extasiado, mirava-lhe, entre as palpebras cahidas, os diaphragmas das pupillas, moveis como as das gatas. Num colubrejar de serpente ella enroscou-se-lhe no torso. Rugia, mordia-o, suspirava. Depois, saciado, elle meditou: "Não será Lais uma sensual"? Via-lhe o corpo esguio, de lyrio, largado no leito, inda convulso pelo espasmo, a suspirar entre os dentes rilhantes:

— Meu bem... Meu bem...

Elle teve um arrepio de pavor: "Uma sensual! Uma sensual"! Quiz experimental-a: grudou os labios na concha da orelha da amante; sugou lubricamente. Lais teve um

arrepio; sua garganta, turgida, cobrejava como uma espinha dorçal partida; agarrou-o, delirante, mordendo-lhe os beiços, num accesso de desejo, sussurrando phrases inintelligiveis. Elle, frio, hostil, deixava-se arrastar passivo; de repente, com rudeza, repelliu-a:

— Cadella!

Lais, sem ouvir, ironica e lasciva, dizia.

— Fraco... Vá alli, no toucador... Tenho pipermint com ether... uns sandwichs de caviar...

Helio sentiu no coração uma punhalada! Rigido, recortando as syllabas, aconchegou-se ao ouvido da amante e insultou-a:

— Cadella!

Lais saltou na cama. Seus olhos fuzilavam:

— Hein?

— Tu! Tu mesma!

— Eu?

Tinha o rosto livido, a cabelleira flammejante e desgrenhada, os peitos hirtos e nús, tremendo. As mãos crispavam-se na colcha de seda como garras. Helio titubeou. Ouvia os alaridos do sangue, como brados de uma multidão em revolta. Tentou sorrir. Tomou-se de um pavor covarde e gaguejou:

— Bobinha... Eu brincava...

E beijou-a, quasi chorando, com furor, para abafar os rugidos do sangue. Ella entregava-se, trespassada pelo desejo delle; desfallecia, num deliquio, como um corpo que agoniza. E, intercadentes, estremeções hystericos crispavam-lhe os labios, arrepiavam-lhe os musculos, que fremiam, alvos, esculpturaes... E, depois de um gemido longo, com que o espasmo a devolvia á razão, abria os olhos canalhas, rindo, saboreando o prazer:

— Como é bella a vida... Como é bom viver...

Uma angustia tragica estrangulava Helio. Resupino, cigarro na bocca, via com os olhos humidos, a fumaça dançar pelo ar. Lais, cilios cerrados, voz macia, interrogava:

— Estás cançado, meu bem? Queres alguma coisa? Tenho "champagne" e vinho do Porto, alli...

Indicava o aparador, onde o relogio, miudo e fiel, pulsava como um coração pequenino e cardiaco.

— Não.

Eu quero... Eu mesma vou buscar.

Saltava da cama em camisola, com o corpo

desenhado pela seda; enchia um calix, bebia um trago, olhando-o de revez:

— Queres, meu bem?

Enchia outro.

— Toma.

— Não.

Ella bebia o outro, numa gargalaçada, sem caretear. Num pincho de gata, saltava na cama. Helio fumava; sentia, na antithese de um paradoxo, que amava e que odiava aquella mulher.

Depois da bofetada a situação de Pavoroso tornou-se insustentavel. *O Rebate*, reguingando, glosava em prosa e verso a sova. Na secção "Epitaphios" trazia uma quadra que terminava assim:

> "...foi pavoroso pavor
> o pavor do Pavoroso!"

Os moleques sabiam-na de côr; o desprestigio, pois, golphava pela brecha do ridiculo nos campos governamentaes. Pavoros, aterrado, não queria dar mais uma pennada:

— Deus me livre! Desta vez elles me acabam!

Era, pois, um trambolho atravancando o partido. Urgia alijal-o. Matta não sabia o que fazer. Pedrinho, sempre timido, sempre cacarejante, tinha pena: "Déra tudo pela "honra municipal", o coitado... Até arriscára o pêllo"! Guella foi implacavel: era mister eliminar o folicularia de Piquiri. Matta e Pedrinho estavam de accordo: que, entretanto, faria a cruel communicação? Pedrinho articulava assustado:

— Lembrem-se do Barros...

Matta estremeceu! Porque juncar de cadaveres o caminho do Capitolio? Guella, irreductivel, cortou:

— Eu falo com o homem. Far-lhe-ei sentir que a "honra municipal" exige mais um sacrificio. Que diabo! Dão-se-lhe ahi uns contos de réis... Para reencetar a batalha é necessario remover os feridos...

E falou. Pavoroso, cabisbaixo, mudo, estava

derreado, numa cadeira. Aos seus pés, fiel e solerte, vigiava o cão.

– Meu amigo sabe... As contingencias de uma politica incerta... Isto é... As consequencias... Ou melhor, as exigencias imperativas da "honra municipal"...

Foi por ahi, o Guella, tacteante, encaroçado, sinuoso. Quando, porém, falou na imprescindivel necessidade do seu affastamento de Piquiri, Pavoroso saltou:

– Hein? E' mesmo?

Guella, contricto, olhos no chão, gaguejante:

– O collega comprehende... As contingencias de uma politica incerta...

Pavoroso, resuscitado, vibrava:

– Mas eu não quero outra coisa, doutor! Não desejo outra coisa! Só espero sahir deste inferno! Aqui um bello dia me arrazam!

E partiu, numa sexta-feira nevoenta, pelo trem da madrugada. Piquiri dormia. O frio de Junho, fino como um sabre, decapitava as folhas das magnolias. Pavoroso ia só, mala na mão, esgueirando-se pelas ruas mortas, como um fugitivo. Algum galo rouco rachava um grito que parecia uma vaia. A uns passos, lugubre, vinha o cão. Ninguem mais o acompanhou

nessa triste partida. E quando, na bruma acarvoiçada da manhã de invernia, o trem galopou para as divisas da cidade, espalhando no ar os "confetti" flammejantes das fagulhas, na estação deserta uma sombra gania, crepuscular e tragica, como a sombra do rei Lear.

Por muito tempo esse latido cortou o silencio da manhã nascente. Depois clarinaram os galos. Das collinas alcandoradas rompia, entre a matinada dos passaros, a gloria apotheotica do sol !

Plauto contava a Nini o espectaculo. Attrahiram-no ao theatro uns cartazes apocalypticos, cheios de estrellas e de riscos, gritando a estréa de Boris, o grande Boris, — "tenor de fama mundial" — e de Carmen Flores — "soprano absoluto, successo dos palcos europeus"

"Isso, em Piquiri, deve ser olympico"! — refranzeou.

Helio, fumando, escutava o relato dessa noite infernal.

— Pena, D. Nini, é que a senhora não tivesse ido... Helio foi constrangido, mas não podia perder...

E narrou, sápido, minucioso:

— Piquiri em grande gala atulhava a platéa. A primeira que cantou foi Carmen. Ah! D. Nini! Que voz! Que maravilha!

Deu uma palmada na côxa de Helio:

— Hein? — e estridulou uma gargalhada.

Helio teve o arrepio de quem acorda: pensava nessa noite!... Lais estivera lá; trazia um vestido cheio de applicações douradas, berrando impudicicia pelo escandalo do decote. Attrahira, ao entrar, a attenção de todos; um ridiculo ar de orgulho illuminára-lhe a mascara.

— A tal Carmen, D. Nini, tinha uns miados longos, nasaes. Dizia *caballero, me haga usted, pardon* e outras estropelias hispano-internacionaes. Isso misturado com um italiano cheio de *ché, escucha, mira*... Depois veio o Boris. Um bello torso de athleta. Tem um vozeirão fanho do qual tira todo o effeito possivel. O resto!

Riu ainda, mexendo-se na cadeira.

Helio lembrava: ao apparecer o tenor, o olhar de Lais se transfigurára; parecia querer fascinal-o daquella frisa longinqua; bebia-lhe os gestos, num extasis; applaudia com ruido, a pedir "bis", a berrar... E elle tinha vergonha e tinha odio.

— E não foi tudo, D. Nini. A opereta acabou em pura tragedia. Wagner completou Offenbach. Quinto acto de Shakespeare! Soube-o hontem á noite, pelo Zéca. A tal Carmen adóra o tenor. Lais — uma mulherzinha que colubreja por ahi como uma lagartixa — entendeu que Boris...

— Lais, a companheira do Dr. Alvim?

— A senhora sabia? Essa mesma... Pois engalfinhou-se com Carmen, por causa do tenor... Esplendido! Maravilhoso!

Helio arregalou os olhos apavorado:

— Hein?

Estava livido; seu coração tumultuava. Plauto, interessado, explicou:

— Coisas que só o Zéca sabe ou inventa Contou-m'as emquanto eu bebia minha "chartreuse" no bar.

Helio sentia tonturas; cem luzes, cegantes,

turbilhonavam no seu cerebro, na ciranda infernal da vertigem. Precisava sahir; abafava, alli! Levantou-se e com uma voz gaguejante, convidou Plauto:

— Vamos andar um pouco? Preciso de andar... Preciso... Parece-me que estou com dôr de cabeça...

Sahiram. Era noite. Plauto contava agora uma longa historia que o outro não ouvia: ..reivindicação... interdicto possessorio... o Dr. Burgos... os Marcondes... A respiração de Helio era arquejante; trotava, na rua, nervosamente, rapidamente. De repente estacou; travou o braço do amigo e, com um desespero allucinado, interrogou:

— E' verdade o que disseste? Carmen brigou com Lais?

Plauto parou estatelado.

— E foi por causa de Boris? — insistiu.

— Que é isso, homem?

O advogado olhava-o com pasmo. Via-o tremulo, olhar vacilante. Adivinhou. Ficou perplexo. E, sem responder-lhe a pergunta, interrogou com voz desolada:

— Que diabo é isso, homem!

Amava Helio a Lais? Não! Não! Não era pos-

sivel! Seria ridiculo. Seria berrantemente ridiculo. Helio não era um homem para commetter uma tolice desse teôr. E, displicentemente, accrescentou:

Foi o Zéca. O Zéca sabe tudo. Disse-me que...

Mas viu que o outro estremecia. Emudeceu, tomado de um extranho pudor. Ambos estavam agora mudos, tolhidos. No banco onde se sentára, Helio tinha a cabeça cahida, dedos enterrados nos cabellos, olhar no chão. Uma dôr monstruosa punha-lhe estremeções convulsivos na garganta; sentia uma enorme vontade de chorar alto, como uma creança. Plauto, extatico, contemplava-o com pena; por fim, numa voz surda, sussurrou:

— Era, pois, verdade...

Helio não respondeu. Coleras titanicas, como labaredas, rugiam nos seus nervos: queria estrangular aquella mulher! O outro, cabisbaixo, tolhido pela vergonha, sussurrava:

— O que se dizia, então, ao teu respeito, com Lais...

Helio ergueu a cabeça. Tinha a mascara vincada de rugas e os labios cheios de espuma:

— Mas eu mato essa mulher!

Plauto contemplava-o com espanto e piedade. Ah! como elle conhecia essa tortura... Procurou apagar a crueza das suas palavras: Fôra o Zéca... O Zéca calumniava... A cidade era assim: perfida e maledicente"... No seu intimo, porém, gelava-o aquella miseria: Helio ligado a Lais! Falou ainda longamente, suasoriamente: "Era mentira por certo. Zéca era uma vibora. Em todo o caso verificasse... Depois, com um pouco de energia moral, abandonasse Lais"...

— Não! Está acabado! Juro que está acabado! Tenho até nojo dessa mulher...

E, sahindo da sua mudez sinistra, poz-se a falar, excitado, desconnexamente, narrando toda a sua miseravel historia, numa ancia desesperada de se desabafar. O outro ouvia, ironico, silencioso, soffredor. Helio feria-se com seus proprios sarcasmos, ridicularizando ferozmente a sua fraqueza, insultando a amante, num prazer lubrico de a amesquinhar e de a destruir. E Plauto, sereno, imperativo:

— Dá-me tua palavra de honra que não procurarás mais Lais.

— Nem é preciso! Está tudo acabado! Eu odeio essa mulher.

E a certeza de que a mataria inundava seu espirito de uma alegria assassina e irreal.

Quando Plauto o deixou, sentiu no coração um grande vasio. Pareceu-lhe que ficára sem apoio, no vacuo, num apavorante abandono affectivo... Quebrava-se-lhe o eixo da razão de ser: a vida perdia o seu sentido. E tinha covardes desejos de chorar.

Andou, cambaleante, rua afóra. A' noite, os lampeões, as velhas casas olhavam-no com uma physionomia desconhecida e alvar. Elle fitava essas coisas novas, aparvalhado, absorvido todo em descobrir-lhes o sentido enygmatico e não pensava mais em Lais. Dentro de si tinha a impressão physica de que alguma coisa desmoronára, esmagando algo de vivo e dolorido, que braceava no limbo do seu ser. Tinha medo de descer ao fundo de si mesmo. Olhava a rua e continuava a andar.

A dôr anestesiára-se-lhe e seu pensamento era como um aguado crepusculo de delirio. E pensava: "Eu sei que tenho um soffrimento, mas sinto vontade de rir"... O ar fresco acalmou-o e sua dôr cresceu, mais raciocinada.

Sob os escombros do que dentro delle alluira, via agora figuras extranhas e nebulosas agitarem-se inquietantes, com gritos e gestos allucinados e mudos; havia um quê de caricatural e de apocalyptico nessa monstruosa confusão de anceio e de agonia; não queria palpar as vidas obscuras quebradas nesse desabamento: tinha medo. Ficava assim, suspenso e espectante, sentindo algo de fatidico e definitivo dentro do seu ser, acovardado de olhar de perto esses cadaveres.

Sentou-se num velho trecho de muro desmoronado. E, automaticamente, murmurava.

— Eu não quero saber mais de Lais... Não quero! Não quero!

Soffria. Era uma angustia indefinida e paradoxal, que parecia acalcal-o de todos os lados. Fitou, com os olhos gazeos, um tijolo que estava no chão e pensou: "Se eu fosse esse tijolo eu não soffreria"... Teve vontade de rir; riu. Era um riso idiota, interior, mas sincero.

achava graça na sua estupidez e no seu tormento. Depois, na noite, resvalou a sombra parda e rasteira de um cachorro: "Deve ser o do Pavoroso. Onde estaria o Pavoroso"? E, no embrutecimento da sua dôr, fazia um prodigioso esforço de memoria para evocar a figura do pobre diabo, longa, escarnada, espectral.

— Não verei mais Lais...

Acalmou-se. Pareceu-lhe que o rompimento era definitivo e que scindira da sua vida aquella mulher. Sereno, agora, decidiu ir para casa, dormir. Desceu a rua, passos lentos, cabeça cahida, mãos enclavinhadas nas costas. E, para convencer-se de que estava tranquillo, começou a assobiar baixinho uma aria qualquer.

Junto da porta estacou: Queria ver Lais; precisava insultar Lais! Uma volupia sadica e homicida aquecia-lhe o sangue. Nitida, como

serpente que se desenrósca, colleou-lhe no cerebro a idéa de estrangulal-a; e um prazer absurdo o alegrou.

— Eu mato essa mulher!

Sentiu suas mãos em garra crisparem-se como tenazes. Num começo de delirio, imaginou que um pescoço turgido e quente, palpitasse alli. E constringia o annel dos dedos convulsos: "Assim... Assim"... Decidiu-se.

Ensaiou mentalmente uma calculada serenidade, theatralizando tudo, desde o passo, até o rictus dos labios; tinha um terror inconsciente do ridiculo na tragedia; pensou nos menores detalhes da roupa e no laço da gravata: estava bem. Imaginava o clamor que levantaria seu crime. Lembrava-se nitidamente de uma scena de "Guignol", rapida e horripilante, onde, entre reposteiros de velludo negro, uma enorme mão branca surgia, como um tentaculo vivo, a ameaçar um pescoço de mulher... Fôra no palco? Não. Num cinema... Era vaga a lembrança; a mão via-a ainda, griphanha, macabra, assassina... Ah! fôra numa gravura de Lelong, num velho *Je sais tout* amarfanhado, illustrando um conto de Lorrain...

Contava agora, alheado, as estrellas do Cruzeiro: uma... duas... tres... Essa era menor, muito menor. Se fossem todas eguaes, a constellação seria mais bonita. Pareceria aquella cruz de brilhantes que usava Lais. A' evocação desse nome, o sangue turbilhonou-lhe nas veias: "Cadella! Não passa de uma gata sensual"... E teve um arrepio de vergonha ao lembrar as palavras de Plauto: "Lais, D. Nini, é uma mulherzinha"... Então humilhado, trahido, vencido, sentiu que ia chorar... Chorou, numa crise violenta de lagrimas estranguladas, mordendo o beiço para não gritar. E sua humilhação bradou-lhe como um carrasco: "Mata essa mulher! E' preciso que mates essa mulher"!

Caminhava como um automato. Sua mascara era impassivel, sem um rictus. O silencio era enorme. Massas escuras de arvores debru-

çavam-se dos muros lembrando monstruosas cabeças de gigantes. Longe, no bairro de Santa Clara, lucilavam as lampadas como symétricas theorias de tocheiros. Piquiri dormia. Um trillo vigilante de guarda nocturno estridulava na distancia num assobio azoinante de grillo. Um homem passou cantarolando. De uma taverna aberta rodava, sonora, no ar, uma gargalhada de bebedo. Depois, o silencio. Junto de um jardim, um cão de fila atirou-se ás grades esbravejando, rugindo... Sua cólera redobrava de furia; seus colmilhos roiam as barras de ferro. Helio caminhou ainda; chegára finalmente á casa de Lais.

Empurrou a porta. Estava entreaberta. Viera disposto a arrombal-a, se fosse mister. No corredor escuro parou. A sombra espectral e branca da creada acorrera:

— Pódes ir. Sou eu...

No rectangulo da bandeira do quarto de Lais viu luz. A folha da porta estalou. Entrou cautamente; não viu ninguem. A lampada entornava nos moveis e nos tapetes uma luz velada: "Não está aqui... Procura o "outro"..." E um ciume selvagem desvairou-o.

Resolveu ficar; esperal-a-ia. Olhou em re-

dor: na cama turca, peito nú, cabeça cahida na almofada de seda, viu Lais. Uma alegria infantil tomou-o. Não sahira... E se houvessem mentido? Avizinhou-se, cauto, do leito. Ella dormia; seu peito offegava; tinha o rosto immerso na sombra. Viu-lhe, no pescoço, uma arteria batendo; fascinado, hypnotizado, ficou a mirar aquella pulsação eurythmica, sem respirar, absorto. E cresceu nelle, lento e imperioso, um desejo de estrangulal-a. Não era mais vingança; era a exacerbação egoistica do seu amor, um amor mais carnal, mais capitoso, mais exclusivo, que péde a morte após o beijo, a destruição após o prazer! Sorria, arrepiado, doido... Tinha saliva na bocca e fremitos nas carnes... Ergueu ambas as mãos allucinadas... Um gesto mais... Pendeu sobre o leito...

Um pavor de assombro paralyzou-o: vira em Lais a "outra"! Era um ser monstruoso e repugnante, de buço hispido, labios brutaes. Olhou-lhe o peito: a capillosidade cerdosa acapoeirava-se na bifurcação dos seios. E, suspenso, com vertigens, via nessa mulher um crepusculo de sexo, grotesco e infernal, a "ou-

tra", a hermaphrodita, a Lais do seu asco, nem homem nem mulher!...

Recuou. O suor gelava-o. Tropeçou no tapete. Da mesa pequena alguma coisa cahiu, erguendo no silencio um ruido que lhe pareceu um estrondo. Lais acordou...

Elle estava mudo, pallido, immovel, como se houvesse consummado o crime. Ella ergueu a cabeça, suspirou, e arranjou de olhos cerrados, a almofada sob a nuca. A luz da "veilleuse" cahiu-lhe em cheio no rosto de marfim. Olhou-a: mudára! A lampada leitosa espiritualizava-lhe o rosto de alabastro. Os cabellos revoltos punham uma bizarra moldura no seu perfil de camafeu. Sentiu então como seu amor era forte. Retendo a respiração, extatica, deixou-se a contemplal-a. Uma ternura exuberante golphava de todo o seu ser, como se lhe houvessem aberto todas as veias.

— Lais! Lais!

Ella moveu-se preguiçosamente.

— Lais! Lais!

Ella abriu os grandes olhos; sorriu, semiacordada. Estendeu o braço, como um caule carnoso em cuja ponta se abrisse uma bella flôr.

— E's tu?

Cerrou os cilios, sorrindo, deixando o braço cahir.

— Esperei-te até agora... Estava tão cançada... Tardaste tanto, meu amor...

A ternura punha nelle uma poeira de lagrimas nos olhos. A mulher fez um aceno, movendo apenas os labios:

— Vem...

Helio curvou a cabeça; vinha della um cheiro quente de tentação e de peccado; sentiu dois braços macios enrodilharem-se serpentinamente no pescoço; beijou-lhe a nuca, devagar... Ella arrastava-o docemente:

— Vem... Vem...

E, doido, como uma creança, sobre a espadua núa de Lais, elle ficou, ajoelhado junto do leito, saccudido por um pranto convulsivo, emquanto uma alegria delirante punha-lhe na alma uma absurda vontade de rir e de gritar.

— E se o Canastra pleitear a eleição?

Guella saltou da rêde com o terror de Lady Macbech deante do espectro de Banko. Seu prestigio esfarelava-se dia a dia com as ironias peraltas d'*O Rebate*. O jornaleco, serigaita e mimalheiro, saracoteava em piadas e "sueltos", pondo em rimas crueis a figura escanifrada do Guella:

O tamareiro dá tamara...
E o negro farta-se della.
Quem dá o dinheiro é a Camara...
Quem o cóme? O Dr. Guella!

A quadra feria por dois gumes: "e o *negro* farta-se della"! "Quem o come"? Horror! A principio aparára os golpes num estylo acepilhado, elegante, "classico... vernaculo classico".... como garantira aos asseclas. Mas as zebras dos piquirenses embezerravam em não lel-o. As bellas phrases, de um vetusto sabor camoneano, decalcadas nos padrões de Azurára, Rodrigues Lobo, cheias de pernas de *y y*, como caranguejos, não produziam os "ah! oh!" das admirações calculadas.

— São todos umas bestas! O que querem é

calão de arrieiro! Estou a atirar perolas aos porcos...

Jogára o Aulete num canto, cançado das suas heroicas razzias á cata de termos obsoletos. A "canalha" queria linguagem pulha, o babaréu sôrna da verrina desnalgada. Não! Elle não desceria até lá.

As eleições chegavam com Outubro. Os caboclos, aforquilhados nas pilécas, levavam das fogueiras das palestras, para o sitio, a chamma de uma admiração crescente pelo homem que esbofeteára Pavoroso. Guella philosophava, azedo, que a sociedade é como certas mulheres que se pintam e que, para terem amor, precisam ser batidas. Vinham-lhe então cócegas quixotescas de atirar-se em pugilatos, moer ás porretadas o diabolico rabula, tomar de assalto a popularidade aos pescoções e ás bofetadas. Urgia "quebrar a cara de alguem"! E, em frente ao quadrilatero do seu espelho, em vão esticava os musculos do braço em angulo, punho cerrado, tendões tesos; queria ver o biceps. Amontoava-se sobre o humero uma bóla mollenga de carne frouxa; suava; e ficava longas horas a cigarrar, desanimado, na rêde.

— Que fazer se o Canastra pleitear a eleição?

A creada trouxe-lhe o café. Elle, rispido:

— Ponha em cima da mesa.

"O governo nos prestigia" pensou. Ouviu um estrondo de louça estilhaçando-se:

— Que é isso?

A creada, tremula, mostrou-lhe no chão uns cacos de chicara. Guella, livido, regougou:

— Idióta!

Gostou do timbre imperativo da voz. Tinha um tom autoritario e quiz novamente ouvil-o:

— Idióta! Sáia d'aqui!

A colera do doutor paralysára a preta. Elle, então, empurrou-a num gesto largo de tragedia. Depois, sorrindo, contente comsigo: "Precisa-se fazer assim! Energia!"

E sentou-se na rêde.

— E se Canastra pleitear a eleição?

Uma pancada incisiva na porta sobresaltou-o. Abriu. Era o Matta. Vinha desalentado. Os ultimos boatos que colhera davam a lucta como certa: a gente do Canastra arregimentava-se.

— Já organizaram a chapa...

Guella deixou cahir os braços, como um homem baleado. Sussurrou:

— Tristes tempos. Adeus "honra municipal"! As instituições mais firmes do regimen estão á mercê das opposições. E para que servem, afinal, as opposições? Só para atrapalhar os governos... Bella funcção, não ha duvida...

Matta picava o fumo, palha atraz da orelha, olhos no chão.

— Onde está, pois, o espirito de civismo? Onde está o sagrado respeito pela "honra municipal"? E' demais! Precisamos, de um só golpe, decepar a cabeça da hydra!

Com um gesto transversal fendeu o ar como quem decepa uma cabeça. Matta suspirou:

— A eleição está perdida...

— "A canalha" avassala tudo. Tal qual na França revolucionaria...

Matta, muito convencido, muito ignorante, como um écho:

— Tal qual na França...

Pendeu a cabeça sobre o hombro; parecia Christo expirando na hora sexta. Guella deu um salto:

— Uma idéa!

Matta esperava isso: "o plano", o celebre "plano"!

— Telegrapharemos ao governo: vinte praças, um delegado militar de farda... Uns clarins...

Matta teve um sorriso no rosto aparvalhado. Abraçou o Guella, tartamudeante de commoção:

— Este Dr. Guella... Este Dr. Guella... Eu sempre disse que é um grande talento que se perde em Piquiri. Talento classico!

Guella córou, modesto. Matta sahiu, radiante, como um tufão.

A alma de Helio parecia uma arena onde uivassem féras: paixão, asco, ciume, tedio... Uma tortura dantesca garroteava-o em rajadas intercadentes de colera, de angustia, de fastio... O seu ciume era irraciocinado e absurdo; passava da desconfiança mais alarma-

da, á confiança mais absoluta. Em casa, com Nini, ora era impertinente, irritadiço, respondendo-lhe com monosyllabos: "não", "sim", ora desbordante de carinhos, exuberante de ternura.

A "troupe" deixára o logarejo. Nada pudéra constatar de seguro sobre a rusga entre Carmen e Lais. Boris, pelo que syndicára, fatuo e entediado, não sahira do hotel, onde chupava interminaveis cigarros de opio, e rouxinolava no quarto, maniaco e melomano, trechos de opereta, estridulo como um canario engaiolado. Alvim regressára do Rio e seus encontros com Lais eram agora mais escassos e difficeis

Ao lado disso, a cidade delirava! Canastra irradiava prestigio. Havia uma cauda perpetua de caboclos á sua porta, romarias que rabejavam pelas estradas rumas e rumas processionaes de eleitores. Os governistas, como as pombas do Raymundo, bandeavam, um a um, depois ás dezenas, para os arraiaes dissidentes. Os ultimos fieis, equivocos e esgueirantes, aguardavam cautos os acontecimentos Plauto ria, escarninho. E, no meio dessas miserias, a paixão de Helio crescia, estupida, dominadora, brutal.

— Calcula, meu amigo: a maledicencia de Piquiri alcançou Lais. Disseram-me que me trahe comtigo! Imagina...

Helio corou. Alvim notou-lhe o sobresalto:

— Logo comtigo! Foram procurar um dos meus melhores amigos...

E a colera congestionou-o:

— Canalhas!

Estendeu-lhe a mão, sincero, indignado; Helio hesitou... covardemente deu-lhe a palma tremula e gelada. O outro deixou-o só.

O sol ardia. A modorra paralyzava, sob o ouro incadescente do bochorno, as ruas quietas, como grandes serpentes fulvas adormecidas. Elle pensou na sua covardia; uma cortina de cegueira velou-lhe os olhos. De uma casa proxima vinham umas notas de piston, tentando um tango gaiato. Arrastou-se, cambaleante, sob o sol. No rectangulo escuro de uma

porta, viu dois olhos varando-o: "Elles sabem tudo"... — resmungou. Seguiu. Um rancho de creanças passou por elle numa refega de gargalhadas. "Sabem tudo... Riem-se de mim"... Parecia-lhe que as pedras das sargetas, as casas chatas e coloniaes, as coisas e os seres, penetravam-lhe a alma e escarneciam-no. O piston tocava agora uma aria clara, sonóra de notas alacres. O conego Refrega viu-o; correu, tendendo-lhe a mão espatulada e viscosa:

— Olá, sr. Helio...

Abraçou-o, intimo, bulhento:

— Arre! Anda erradio... Ninguem mais lhe põe os olhos em cima... Para quem anda a reservar-se, homem?

"E' sarcasmo" — pensou. "Elle tambem sabe tudo"... Resmungou umas desculpas, caminhou. Em casa, Nini, triste, recebeu-o com uma queixa no olhar:

— Mamãe escreveu-me. Anda adoentada. Precisamos ir logo...

— Precisamos...

Não ousou encaral-a: "Sabe tudo!... Que vergonha, meu Deus"! Jurou intimamente abandonar Lais. Sahiu para procurar Plauto;

tinha uma necessidade instinctiva e pueril de confidencias.

O advogado, em pyjama, desencaixotava uns livros que recebera do Rio. No tumulto bohemio da "garçonniere", amontoavam-se, na babelica confusão de um "bric-á-brac" berrante, os fructos do seu ciganear artistico pelas exposições e bazars internacionaes. A mumia de uma dhalia içava-se na ponta de uma haste como uma cabeça empalada numa lança.

— Salve, Romeu piquiritano!

— Salve, Voltaire!

Plauto abraçou-o effusivo e alegre. Voltou ao caixote, absorvido, procurando:

— Mandei buscar um presente para ti... Vaes ver!...

Mexia e remexia, atulhando uma cadeira de livros. Depois, solemne, tirou um, riquissimamente encadernado em marroquim, com desenhos dourados e feixos de bronze.

— Arre! Achei... Toma lá!

Helio, curioso, examinou-o: era *Paulo e Virginia.* Explodiu numa gargalhada. Plauto, porém, paternal e serio:

— Precisas disso, meu filho... Coisa pennujenta, macia, leve... Procurei em vão, no

Alves, o *Methodo de Arrular* ou um *Tratado theorico e pratico dos Soluços e Suspiros*... O safado do livreiro mandou-me á ladeira São João, onde ha uma loja de artigos cinegeticos, com pios de nambú e vidrinhos para chamar rôlas... Achei-o pesado e sarcastico; quasi me atraquei com elle! Comprei, então, isso: luares,ondas, beijos... Serve? Não é disso que precisas? Lê com attenção, sendo possivel á tarde, perto de algum corrego, á sombra d'alguma arvore de Agosto florescida...

Helio sorria agora acanhado, contrafeito:

— Pérfido...

Plauto, mãos nos bolsos do pyjama, despejou:

— Abre os olhos, Romeu! Estás preso á mulher mais ordinaria de Piquiri. E és capaz de jurar que é um lyrio!

Helio não se irritou. Sentiu um prazer insolito em ver insultada a amante. Entretanto, franziu o rosto, fingindo reprehender o exagero do outro. Plauto, porém, accrescentou:

— Estou a brincar... Sei que não levas a serio a tua aventura com Lais... "E' uma gata sensual, quasi sempre no cio"...

Uma cortina de sangue velou as pupillas do

moço: aquella phrase! E a verdade, núa, lhe appareceu.

Plauto chamára José:

— Traz "chartreuse" e tira daquella jarra aquella mumia. Isto, tambem, não é o templo de Cheops!

Helio, mudo, fumava e soffria. Por fim resmungou:

— Tens razão! Eu vinha communicar-te uma resolução definitiva: não tenho mais nada com Lais. Disseste bem: "E' uma gata sensual quasi sempre no cio"... Uma aventura estupida e vulgar... Amanhã não pensarei mais nisso...

Plauto olhou-o cheio de pena:

— Amanhã "isso" não te sahirá da cabeça...

Helio pensou na mesma coisa. E soffreu.

Mal o comboio apontou na curva, ouviu-se um clangorar alacre de clarins de guerra. O

sino parou de badalhocar cambaleando sobre a machina. O trinclido das correntes misturou-se com um rufo de tambores, vivas, o hymno nacional gritado pela "Lyra". Em dois minutos a estação regorgitava de curiosos. Era a força que chegava pelo trem especial.

Matta, Guella e Pedrinho abraçavam o tenente que viera com o commando. Já desembocada na rua, com bayonettas coriscando ao sol, a tropa esperava. Houve um floreio de tambor e um berro de corneta: "Tá-rá-rá! Brrrr"... Um grito: "Hombr'arm'!"

Um silencio. "Ordinarô... march"!

E, numa estropeada rythmica aquelle losango de carne rodou, rua abaixo, sob o sol. E, num "plan-rataplan" secco, cavo, surdo, tutucavam os tambores. "A' direita... volver"!

Guella, Pedrinho, Matta, apavonados, vinham atraz, quasi na fila. As ruas congestionavam-se de povo, deixando apenas um sulco por onde varejava a tropa. Quando esta defrontou o Club, os governistas, que cabiam em si de contentes, urraram:

— Viva a sordadêsca! Viva o governo!

E um retardatario e bajulador, berrou ainda:

— Viva o alferes Gallinha tambem!

O tenente sorriu, lisonjeado. A força aquartelou-se na cadeia. De lá começaram, de quando em quando, a violar o silencio pacifico da tarde, estrugidos de carga e trinados de metaes bellicosos: "Tá-tá-tárá! Brrrr!"

Os opposicionistas mexiam-se alarmados. E, ao clangorejar dessas trombetas, ao rufar desses tambores, estremeciam, sentindo abalados em suas bases, os gingantes e inda frescos alicerces do partido...

Immediatamente circularam pela cidade os mais aterrorizantes boatos; dizia-se, á sorrelfa, que a força viera com ordens de fuzilar em massa "a canalha" opposicionista; outros, sibyllinos e sabidos, cochichavam que aquillo era destinado a fazer o Canastra "sumir-se"...

— Sumir-se como, homem?

— Como? O governo tem disso... Lembra-

se do Travassos, da ferida, do veneno? Pegam no Totó e zás! Sómem-no.

Havia sustos supersticiosos e vagos. Nos sitios os boatos haviam tomado feições alarmantes. Boquejava-se que estalára a revolução em Piquiri e que o governo mandára soldados com metralhadoras. O sangue fervia nas sargetas aos enxurros. Constava mesmo que D. Luiz de Bragança, disfarçado em mascate, viera alliar-se ao Canastra e que o governo, sabedor da trama, usando do processo biblico de Herodes, ordenára o eccidio da população para, na hecatombe, acabar com a vida do pretendente ao throno imperial brasileiro. Um panico de morte esgarçava os olhos dos caiçáras. Ninguem pensava mais em ir votar...

Piquiri andava sombria, numa mysteriosa gestação de tragedias. Como um arrepio, a cutilada sonóra de um grito de clarim estraça-

lhava o silencio. As casas commerciaes fechavam-se. Helio, tomado agora por um ciume obsedante, errava pelas ruas, como um trasgo. Rondava a casa de Lais; suspeitava do coronel Lupercio. Vira a amante conversar com o fazendeiro certa tarde no parque. Passára noites dantescas de insomnia, torturando-a com scenas estupidas das quaes sahia allucinado. Nesse dia, numa esquina, esbarrára com o tenente:

— O cidadão é governista?

Helio acordou do seu somno de pensamentos.

— Hein?

— E' governista?

— Não sou nada. Sou um homem que vae cuidar da sua vida... Tenho mais o que fazer.

— 'Stá preso!

Passava, por sua felicidade, o conego Refrega na calçada fronteira. Viu-o e correu, sorridente e pressuroso:

— Que é isso, senhor tenente! Deixe o sr. Helio... E' dos nossos... Garanto, senhor tenente, é dos nossos...

O tenente quiz desculpar-se. Helio sahiu eno-

jado e triste. A rua quieta, deserta, parecia a alea de uma necropole.

"Lais! Lais!"... Era sua tortura... Caminhava alheado, num delirio ambulatorio de vesano. De repente um tumulto e uns gritos chamaram sua attenção para o largo. Soldados corriam; trillos, berros, injurias... Depois, um rumor cavo de gemidos, de pranchadas malhando carnes e roupas... Um grupo... Um pobre diabo arrastado por umas praças, empastado de sangue... E, de novo, o silencio de ancia na canicula meridiana...

Seguiu. Aforquilhado num pangaré pampa, espectral e lérdo, um lazarento apontou na esquina. A bocca esverdinhada de uma chaga roia-lhe os dedos; tinha o rosto abostelado de escaras, os olhos tristes, tristissimos... O cavallo, capenga, enristava as apophyses das ancas, onde vermiculava o puz das ulceras. Um soldado correu:

— E' governista?

Depois, olhando-o melhor, apavorado:

— Ah! Póde passar...

O vulto espectral sumiu-se numa esquina, lentamente, tragicamente...

Canastra, sentado em frente á escrivaninha, Constituição aberta, penna em riste, lavrava protestos:

"... a pata da força esmaga as reacções da consciencia livre; essas reacções, com a nervura de um ideal fundamental, constituiriam os partidos de amanhã, dotando o paiz de um organismo politico mais complexo e perfeito; nossa ethica social, porém, enxovalhada assim pela prepotencia, tende a derrocar o caracter e o brio do nosso povo. Por isso, eu, Antonio Canastra, cidadão republicano, revestido de todas as garantias constitucionaes, em nome dos principios do regimen e da honra municipal, protesto"!

A principio pensou em pôr tres pontos de admiração para impressionar o governo. Assim: "protesto!!!" "Não adianta"... — banzou — "Elles nem lêm"... E cahiu num profundo abatimento.

Tinha os olhos errantes, as olheiras violaceas, os cabellos revoltos, como Christo, na angustia divinatoria e suprema do Gethsemani. Havia algo de messianico no espirito de prophecia que fulgurejava no seu craneo; a dòr de pensamento que o cruciava, de quando em quando illuminava-se em lampejos de fé. E, numa esperança ultima, telegraphou ao Secretario da Justiça:

"Eleitorado livre e altivo Piquiri péde garantias liberdade urnas"...

A resposta não tardou:

"Governo enviou força garantir liberdade".

E elle sentiu-se arrasado, sem defesa, como um mercador inesperto cercado por ladrões. Lugubre, como Graccho, meditava sobre as ruinas da patria. Num impeto de abnegação fundára um partido, comprára um jornal, fardára uma banda... De que valera tudo isso? Lá estava a força "como uma muralha de treva oppondo-se á escalada da luz"! Seu

pensamento era como um figado a secretar a bilis de um scepticismo demolidor: negava todas as solidariedades, descria de todas as leis, perdia a fé no direito, na liberdade, na justiça... Politicamente, o paiz jamais se disciplinára pelo verdadeiro espirito democratico, tumultuando no roldão de um salceiro de nomes, ephemeros como bôlhas de agua á flor de uma caldeira, sem partidos e sem programmas, sem moral e sem ideal, bipartindo-se em duas récuas: governistas e dissidentes, revesando-se na gangorra do absolutismo!

E o que se via nas metropoles? A rapinagem, o nepotismo, o "trust", a negociata, a pilhagem... E nas Piquiris, cellulas do organismo administrativo nacional? A pilhagem, a negociata, o "trust", o nepotismo, a rapinagem...

"Ratos! Ratos! Ninhadas de ratos"! Canastra suava frio, como Christo no holocausto.

Mas, no desespero do seu desacoroçoamento, a voz obscura do genio da raça lhe falou ao coração turgido como um favo de angustia: "Dia virá, Canastra, em que homens de outra tempera, sahidos da consciencia reac-

cionaria das multidões, galgarão ao poder com grande pompa e majestade. E elles farão como o Rabbi no templo... E se ouvirão gritos e rugidos de dentes... E, sob o estálo dos lategos, os escribas e phariseus serão encafurnados nos subterraneos do ostracismo... E se inaugurará na terra de Anchieta, a verdadeira Republica"!...

E o rabula, erguendo os braços em gestos dramaticos e desvairados, bradou a celebre phrase com que perorava no jury:

— O' Direito! O' Justiça! Onde está a tua espada fuzilante como o gladio dos archanjos?

E teve impetos de rir, ao lembrar-se de que essa espada não passava de um motivo pictural nos carimbos dos tabelliães vulpinos e de um anodyno gladio de ouro gravado nos anneis dos advogados palradores!

O Dr. Alvim, contrariado, ia á pharmacia de onde recebera um recado para um caso urgente. O pharmaceutico notificou-o:

— Desculpe, doutor. O camarada seguiu com o Dr. Pardo. Não quiz esperar. Negocios de um tiro, na fazenda do "Cercado"...

— Fez bem... Fez muito bem...

Voltava agora satisfeito. Era uma hora e a noite ameaçava tempestade; rolavam trovões no ceu côr de pixe. Disséra, em casa, a Lais, que passaria a noite fóra; ia, pois, fazer-lhe uma agradavel surpreza.

Desceu a rua alegre, cantarolando em surdina uma musica de cançoneta que Lais lhe ensinára:

A noche quando me acuesto
Non puedo cerrar la puerta...

Em frente á casa viu luz no quarto de Lais. "Está ainda acordada" pensou. Bateu na porta. Ninguem veiu abrir. "A creada dorme"... Tornou a bater. Ouviu um rumor surdo, de passos e palavras que se abafam, que lhe pareceu vir do quarto de Lais. "E' a creada"... Bateu novamente. Nada. Collou o ouvido á

porta: ouviu vozes em cicio e passadas cautas. Bateu com mais força. Nada. Chamou: "Lais! Lais!". Teve uma suspeita. Ficou mudo, indeciso, com o coração a pulsar, com as arterias do pescoço latejando. Gritou: "Lais! Lais!" Desesperado, arrombou, a golpes de hombros, a porta que estalou, escancarada. De um salto venceu os tres degraus do corredor. Viu Lais, em camisa, em pé, immovel: um vulto esgueirava-se pela janella. Sacou o revólver e atirou. Fez-se, após o estouro, um silencio tragico. Correu á janella; viu o vulto correr entre as arvores do quintal em direcção ao muro. Atirou ainda, nervoso, com a pontaria errante seguindo o alvo incerto. E, a um movimento do homem, reconheceu no fugitivo o coronel Lupercio, que galgava o muro e se perdia na noite, como um ladrão.

Helio, desesperado, ouvira falar do escandalo vagamente. Queria minucias. Mas a situação anormalissima da cidade, a grave crise politica, a chegada da tropa, absorviam todas as attenções; ninguem se lembrava de Lais. Conseguiu, porém, descobrir a moradia da creada de Alvim, testemunha unica da scena, por quem, naturalmente, o escandalo se propalára. Decidiu ir procural-a na rua dos Buracos.

No bairro infecto, de callejas tortuosas e pardieiros esbotenados, o terror tocaiava atraz de portas trancadas, transidos, os habitantes. A custo descobriu Helio o casebre da preta. A creada de Lais cedeu ao suborno:

— Tem cincoenta mil réis. Quero saber tudo. Se mentir mando o tenente Gallinha trancafial-a na cadeia.

Teve um esgar de panico o rosto simiesco da preta.

— Agora responda: é verdade que o coronel Lupercio foi encontrado pelo doutor no quarto de Lais?

— "Seu" doutor não sabia?

Narrou tudo: o flagrante, os tiros, a recon-

ciliação covarde do medico deante das lagrimas de Lais... Elle ainda dominou-se:

— E porque ella se entregou?

— "Seu" coronel dava muito dinheiro...

Não quiz ouvir mais: tinha *a certeza.* Pagou e sahiu. Sem pensamentos, sem emoções, como se sua vida cerebral tivesse tido um collapso, elle voltou com um sorriso idiota nos labios. Tinha vontade de rir, de rir alto, de rir com força, nervosamente, raivosamente!

A manhã era bellissima. Retiniam estrias metallicas de clarins no ceu claro; o sol, como um nababo doido, esbanjava ouro nas arvores, nos telhados, nas ruas. Era o dia da eleição.

Em casa, Nini cantava ao piano, em falsete. Essa cantiga despertou-o. Correu ao escriptorio. Trancou-se. Ficou só.

E começou sua tragedia... Primeiro foi pavor, o pavor instinctivo de sondar sua desgraça. *"Possuia a certeza"!* A dôr moral tinha reflexos physicos: parecia que lhe haviam cavado um buraco no ventre e um peso premia-lhe as orbitas e a nuca. Tudo rodopiava; elle estava no ar, levitado na sarabanda vertiginosa das coisas; e os "bibelots" riam, riam,

escarninhos... Riam os armarios, riam as jarras, tudo, escarninho e diabolico, ria, allucinadoramente!

— Eu enlouqueço!

Fóra, nas pedras, aos solavancos, estrondejava o ruido quebrado e cavo, de uma carroça rodando, como um riso guttural e soturno, a escarnecel-o.

— Eu enlouqueço! Eu enlouqueço!...

O excesso de dôr alquebrou-o. Pouco a pouco cahiu numa acalmia de exgotado. Não soffria mais, como se a dôr, na sua violencia, lhe houvesse arrancado a sensibilidade e anniquilado a memoria.

Passada a crise quiz sahir. Precisava de ar! Abafava. Sahiu. E, andando, começou a meditar na vingança. Projectou unicamente planos ridiculos: mandaria um cheque vistoso com um bilhete laconico: "Não lhe devo na-

da". Não; talvez era mais digno fechar-se numa mudez altiva... E se ella soffresse com essa indifferença?... Talvez o procurasse, a pedir perdão, com grandes brados, lagrimas e remorsos... Teve asco da sua covardia moral: sentia o "irremediavel", essa constatação enygmatica de algo de fatal e definitivo a pairar dentro delle. E soffria... soffria... Mas, com o movimento e a luz cegante, baixava-lhe na alma uma paz dolorosa. E havia uma quasi deliciosa volupia nessa meia tinta de dôr.

Precisava distrahir-se. No porfazer, meditaria depois. Grupos, de roupa preta, passavam em direcção á Camara. Iam funebres, lentamente.

Quando chegou no largo da Matriz, estava calmo. Em frente ao paço municipal, aggrumulava-se uma multidão. Curioso, parou. Viu, junto do predio, carabinas ensarilhadas. Praças calaceavam, confraternizadas com os grupos dos eleitores governistas. Tentado pelo espectaculo novo, decidiu-se entrar. Dentro era um babaréu de mercado; Guella dirigia as récuas de eleitores pelas secções. Pedrinho, suando, multiplicava-se: assignava pelos vo-

tantes analphabetos, distribuia cedulas, dava ordens aos cabos eleitoraes. Nenhum opposicionista apparecera. E o mesario a urrar:

— João Malaquias...

— Prompto!

— Você? Quando é que você resuscitou, malandro? Pois você não morreu o anno passado, de bexiga?

O caboclo ria, gatafunhava uns hierogliphos:

Por mim, Miguel Barbino, e pelo defunto João Malaquias, que Deus haja.

Vinha outro, barba rala, olhos gateados:

— Vóto por mim, Caetano dos Limas e pelo compadre Olympinho, que me pediu...

— Vóta, caboclo!

E votava por ambos. De repente um *psiu* longo, disciplinar, correu o recinto. Ordens baixas, incisivas, de attenção... Houve um tropel, depois um silencio. Os mesarios retomaram seus logares junto da urna e o que proseguia á chamada, com voz segura:

— João Casimiro.

— João Corsino.

— João Chrysmundo Bretas...

"Quem é"?... Corria o cochicho: "Quem é"? "...o Canastra"! "O Canastra"? Totó en-

trou, lento, bovino. No rosto severo uma espressão serena de coragem e desafio. Os circunstantes emmudeceram. Parou. Olhou em redor. Tomando da sua cedula entre o pollegar e o indicador, deitou-a, calmo, na urna. E, com um vozeirão que Helio jamais esqueceu:

— O protesto da população livre de Piquiri irredenta!

E sahiu.

Quando Canastra sahiu, os rastilhos de sorrisos atearam incendios de gargalhadas. "Irredenta!... Ora, irredenta"! Guella, radiante, abriu a urna. Todos miravam-no gososos. E, sob as chalaças da sala, tirou a cedula, rasgou-a em pedacinhos miudos, atirando-os pelo ar, onde flabelavam como minusculas e inquietas borboletas.

Plauto riu-se e chamou:

— José! Traz "chartreuse"...

Helio contou-lhe a trahição de Lais, emquanto José os servia. O advogado bebeu um gole impassivel, lentamente. Helio, quasi tragico, affirmou:

— Como vês é impossivel qualquer reconciliação.

O outro fulminou-o com um olhar parado, pesado de escarneo:

— Gosto disto. Habituei-me a tomar este licor de preferencia a qualquer outro. Gostas de "chartreuse"?

— Sim. — E accrescentou, absorvido no pensamento que o obsedava. — Tinhas razão, meu velho: "uma gata sensual, sempre no cio".

— Eu gosto de "chartreuse". Agóra já é um callo de vicio enkistado na minha preferencia. E', hoje em dia, uma especie de amante do meu paladar. Tem caricias, trahições deliciosas... reconciliações...

— E se Lais me supplicar, berrar, gritar o seu arrependimento, serei cruel!

— Este nectar fradesco — a "chartreuse" — conquistou-me insidiosamente. Começou por catechizar-me a lingua: foi com a doçura. E' manhosa, a bebida... Penetra de vagar, com esse cynismo feminino e lascivo dos vicios e

dos peccados... Seduziu-me a garganta, com seu ardor quasi lubrico, que não é dôr nem prurido. Depois a bocca, com este aroma. Depois o cerebro... Depois...

— Acredito. Mas não achas que tenho razão? Não a quero mais! Lais procedeu como a peor das prostitutas... Não a quero mais!

— Certa vez eu estava indisposto: a "chartreuse" me fez mal. Jurei nunca mais bebel-a. Quebrei uma garrafa cheia que estava no *buffet* Disse ao José: "José, não compre mais "chartreuse". José disse: "Sim, senhor". Eu disse: "José, nem que eu ordene, ouviu? não me compre mais esse licor". Sarei. Na manhã seguinte, escondido do José, fui ao bar e enguli quatro calices seguidos... Revoguei a ordem acabrunhado...

— Sim. Acredito. Mas Lais não me verá mais. Juro!

Plauto chamou o creado:

— José: traze mais "chartreuse" para mim e para o senhor Helio.

— E que dizes, Plauto? Faço bem ou faço mal?

— Digo-te que me habituei tanto com este

licor que, quando o tenho á mão, bebo-o, quando não o tenho, procuro-o...

— Conclusão: não acreditas no que disse. Verás!

Levantou-se, nervoso e irritado. Plauto, refestelado na cadeira de balanço, sorria com uma ironia piedosa e desacoroçoada; Helio fumava, agora mudo, premido pela sua angustia contradictoria, passivo aos impulsos de uma vontade quebrada e varia, raciocinando seus erros com uma logica posthuma, que só constatava, após a consummação, as quédas já irremediaveis da sua fraqueza.

— Queres um bom conselho? Viaja...

O crepusculo agonizava no quadrilatero da janella. No poste fronteiro, subitamente, a lampada se accendeu. Helio despediu-se:

— Vou-me embora. Até amanhã.

— "Nunca mais! Nunca mais"! Arre! Estavas a parecer-me o corvo de Poe... Vê lá essas carradas de juramentos...

Elle, irritado, parou, encarando-o:

— Jurei e cumpro: nunca mais olharei para Lais.

E sahiu.

Fóra, a noite estrellava-se. Um grande disco lunar romantizava a terra, que se entregava ao suave espasmo luminoso. As copas, offegando como peitos, tinham aromas e tinham vozes; as proprias pedras da rua reverberando scintillações crúas de nikel, pareciam pupillas amorosas voltadas para o alto.

Elle caminhava silencioso, na noite. Quiz gosar, no isolamento, a volupia egoista de soffrer sósinho. Subiu para o parque. O seu olhar contemplava a maravilha: a areia coriscava como luar pulverisado. Das balsas, fragrancias enervantes envolviam as coisas inertes num bafo quente de desejo; os galhos lembravam mãos esgueirantes apalpando a carne das frondes, numa ancia prolifica de amar, de rebentar em florescencias novas! E as estrellas no ceu de perola tinham lampejos hystericos, como beijos de luz soltos em meio da harmonia das espheras, emquanto as nebulosas lu-

ziam na gestação maravilhosa de novos mundos...

Helio tendeu o ouvido e escutou as vozes da noite.

Os insectos, em trillos, chamavam-se para o amor. Nas chãs os gritos dos batrachios projectavam no espaço o alarido victorioso dos espasmos. E o vento, envenenado pelo cheiro acre das hervas, morno como um halito de mulher, endoidecia os seres que tinham alma e sentidos; e tudo fremia, vivo e lascivo, no prazer barbaro das germinações tentaculares, no urro da posse, no balbucio do desejo e da ancia... Elle "sentia" esse amor collectivo, com que o genio de todas as coisas dynamiza a vida obscura ou ignorada dos infusorios e dos astros! E, contagiado pela ternura que se evolava da terra, queria amar, queria amar, queria amar!

Sentou-se num banco. Um vulto de mulher, todo de branco, deslizou entre os arbustos:

— Lais!

O vulto parou indeciso.

— Lais! Lais!

Helio tinha o coração aos saltos. Era ella! E seu amor exacerbou-se na escandalosa lascivia daquella noite de estio.

— E's tu?

A voz de Lais traduzia alegria e espanto. Correu para elle, que agora a esperava frio, hostil.

— Procurei-te tanto... Onde andaste, meu bem?

O cynismo açulou-lhe a colera. Sentia na bocca o sabor da vingança, que tem gosto de sangue. Ficou mudo, porém.

— Procurei-te tanto... Tu fugiste de mim?

Via-lhe os olhos ingenuos e grandes; a carne lactea e fremente; os braços promptos para o abraçar... Recuou.

— Que tens? Estás zangado? Que te fiz, meu amor?

E elle insultou-a:

— Cadella...

Um vento arrepiou a noite. Houve um silencio.

— Cadella ! Cadella ! Vae procurar o teu amor nos braços de Lupercio... Elle paga com mais generosidade os teus beijos e o teu ardor!

Ella recuou, ferida. Pallida, balbuciante, começou a falar:

— Obrigada... E' a compensação... Tens razão. Que sou eu? Uma mulher que se vende... Uma mulher que se tem direito de gozar, quando nos passa pelo caminho! Não esperava isso de ti... Obrigada!

Helio titubeou.

— Obrigada... Fiz tantos sacrificios, arrisquei minha vida... Mas ás mulheres como eu póde-se até insultar... Que sou eu? Uma mulher que Lupercio compra, que um transeunte beija, que qualquer forasteiro chama e possue...

A ironia era candente como ferro em brasa. Helio, desnorteado, gaguejou:

— Então não é verdade? Dize que não é verdade! Lupercio não te amou, não te possuiu?...

— Tolo!

Mas Helio tinha provas; mais que provas: certeza. Nesse momento, preferia ignorar. Lais sentára-se no banco; um cheiro estonteante vi-

nha della como de uma flôr. Elle, covarde, sentou-se-lhe ao lado:

— Fizeste mal, Lais... Fizeste muito mal...

A saliva aggrumulava-se-lhe na bocca; o desejo subia-lhe pelas carnes. Tomou-lhe as mãos. Ah! Essas mãos o "outro" as beijára! Largou-as arrepiado:

— Vae-te embora, mulher!

Ella ficou junto delle, muda, quieta, chorando. Elle teve pena:

— Tu mesma puzeste o irremediavel entre nós... Tu mesma...

— E' mentira... E' mentira...

As lagrimas cahiam-lhe aos pares dos olhos tristes. Envenenado pelo cheiro daquelle corpo, tomou-lhe de novo as mãos. Lais murmurava:

— Tu acreditaste na calumnia... Não! Não me queres bem... E eu que só penso em ti, que só quero a ti...

Mentia! Helio adivinhara a mentira; o passado de traição existia, vivo, recente, ignominioso. Mas a carne podia muito; mas o desejo allucinava! Sob a noite silente, á luz do plenilunio, elle, torturando-se com a certeza da traição da amante, deixou-se enroscado naquelles

braços, gosando na bocca prostituida da moça, os restos do beijo que o outro pagára...

"Plauto:

"Tua carta e o ultimo numero d'*A Trombeta* trouxeram-me o zumbido caricatural dessa colmeia de titeres; chegaram até mim como esses guinchos grotescos dos gnomos que nos assombram nos pesadelos...

Piquiri existe? Não será a allucinação de um delirio de febre?

Sinto-me resuscitado! Olho em redor: ha uma queixa muda nas pupillas tristes dos bustos severos que pendem das molduras. Até os objectos familiares me exprobam a cynica ausencia... Sou positivamente um novo filho prodigo!

Da janella aberta para a Avenida, vejo os bondes serpentejar na garôa baça deste São Paulo londrino que eu amo; campainham com fragor, como a saudar a volta imprevista do ausente.

Li o jornal: eleições ganhas pelo governo.. Guella deputado... o conego Refrega cotado para a mitra... A tua carta: uma gargalhada sobre essa comedia e sobre o meu drama vaiado...

Olho para traz e chóro sobre mim mesmo Sinto muitos Helios sepultados na minha alma e tenho pena desses cadaveres. Uns são ingenuos, adolescentes, olhos inchados de sonhos, mãos tacteantes como as dos cegos. O ultimo, porém, que morreu com o beijo prostituido de Lais, causa-me pena e asco. Será possivel, Plauto, que fui eu essa assombração mascarrada de lama e de ridiculo, resurgindo dos subterraneos do meu "eu", como um phantasma que estilhaça a sua carneira? Tenho vergonha... Não! Esse Helio morreu. Nós morremos aos pedaços, na vida... Deixemol-o no seu sepulchro. Sirva-lhe de epitaphio o beijo canalha de Lais.

Pódes vender a fazenda. Sinto-me agora fe

liz. A' Nini voltou a garrula jovialidade. Pena não estares aqui! Neste momento, ella, no piano, tóca uma aria que detestas... Adivinhaste qual é!... Mas Nini empresta-lhe tanto sentimento que — aposto! — se a ouvisses, tu te reconciliarias com Debussy!"

FIM

(Escrito em 1914 — na fazenda de Santa Catharina da Capoeira do Meio, e refundido em 1919, em São Paulo, capital)

NOTA

O favor com que o publico paulista recebeu "Lais" *fez com que se exgottasse, nesta capital, em menos de vinte dias, toda a sua primeira edição de dois mil volumes.*

Esse phenomeno, rarissimo na vida literaria do paiz, demonstra o elevado grau de cultura a que attingiu o povo de S. Paulo, a sua ancia de ler e de prestigiar os autores nacionaes, hontem preteridos por tudo quanto fosse arte de importação.

Registrando jubilosamente o facto de já termos creado uma patriotica consciencia literaria autonoma e nossa, como editores que somos, sentimo-nos acoroçoados para novos emprehendimentos, certos de concorrer assim, com uma pequena pedra, para a construcção do grande e glorioso palacio do pensamento brasileiro.

S. Paulo, Maio de 1921.

CASA MAYENÇA
Editora